

revista

intransitiva

Volume 4, nº 1
abril/2020

ISSN: 2674-936X

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO



Departamento de
Anglo-germânicas

Revista intransitiva

Como só você percebe o mundo? (v. 4, n. 1)

ABRIL, 2020

ORGANIZADORES

Érica Schlude Wels (UFRJ)
Michela Rosa Di Candia (UFRJ)
Raquel Ferreira da Ponte (UFRJ)
Roberto Bezerra da Silva (UFRJ)
William Soares dos Santos (UFRJ)

EDITOR-CHEFE

Willian Machado (UFRJ)

EDITORES ADJUNTO

Bárbara de Noronha Gonçalves (UFRJ)
Bárbara Soares Mariante (UFRJ)
Jéssica Esteves (UFRJ)
Lucas Loureiro Fernandes (UFRJ)

CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO

Alex Jefferson da Silva (UFRJ)
Ariel Perez (UFRJ)
Amanda Carraro Moraes (UFRJ)
Andreza Ferreira Silva (UERJ)
David Francisco dos Santos (UFRJ)
Diana de Melo Xavier (UFRJ)
Flavia Ketlin Oliveira de Melo (UFRJ)
Maurício Barbosa Nunes (UFRJ)
Verônica de Oliveira Leal (UFRJ)

LOGOTIPO

Helena Gomes Freire
Luana Carolina da Silva (UFRJ)

DIAGRAMAÇÃO

Luana Carolina da Silva (UFRJ)

PROJETO GRÁFICO

Luana Carolina da Silva (UFRJ)
Paula Isabelle Teixeira de Souza (UFRJ)

ARTE DE CAPA

David Francisco dos Santos (UFRJ)
Paula Isabelle Teixeira de Souza (UFRJ)

ILUSTRAÇÕES

David Francisco dos Santos (UFRJ)
Gabrielle Carvalho Ferreira (UFRJ)
Julie França Arruda Costa (UFRJ)
Paula Isabelle Teixeira de Souza (UFRJ)
Ronne Peterson (UFRJ)
Yago Gomes de Lima Silva (UFRJ)

EQUIPE DE REVISÃO

Alex Jefferson da Silva (UFRJ)
Caio Mieiro Mendonça (UFRJ)
David Cidade (UFRJ)

CONSELHO CONSULTIVO

André Cabral de Almeida Cardoso (UFF)
Angélica de Oliveira Castilho Pereira (CAp-UERJ)
Danielle Galindo Gonçalves Silva (UFPeI)
Divanize Carbonieri (UFMT)
Ieda Magri (UERJ)
Laura Patricia Zuntini de Izarra (USP)
Luisa Dalla Valle Geisler (Companhia das Letras)
Marlene Soares dos Santos (UFRJ)
Paulo Henriques Britto (PUC-Rio)
Rafael Mendes (UFRJ)
Taís Bravo (UFRJ)
Tarso do Amaral (UERJ)
Viviane Mendes de Moraes (UGB)

WEB DESIGN E SUPORTE TÉCNICO

Rafael Laplace de Andrade (UFRJ)

CORPO DE AVALIADORES

Aline de Mattos Esteves
Álvaro Alfredo Bragança Júnior
Ana Clara Waltz Brum
Andrei Ferreira de Carvalhaes Pinheiro
Anna Luiza Cavalcante Ferreira Dias
Carolina Fabiano de Carvalho
Christiana Leal
Daniel Aparecido Veneri
Eider Madeiros
Eli Lemos
Esther Borges
Esther Borges
Fabiana Alencar da Silva
Fernanda Dias de Aquino
Giovanna Scorbucci
Igor Gadioli
Janine Pimentel
Jean Carlos da Silva Gomes
Leonardo Berenger Alves Carneiro
Luiz Henrique Moreira Soares
Luiza Puntar Muniz Barreto
Maria Lucia Guimarães de Faria
Matheus Gomes Alves
Rafael Guimarães Botelho
Rodrigo Pinto Tiradentes
Simone Daumas
Tatiane França
Victor Ribeiro Schlude
Wellington Aires
Wisley Vilela

Sumário

EDITORIAL <i>Willian Machado</i>	Pg. 4
1. ENTRE LENÇÓIS <i>Miguel Simões</i>	Pg. 5
2. MULTIDÕES <i>Joilson Bessa da Silva</i>	Pg. 8
3. QUEM SONHA TEM A ALMA MORTA <i>Rafael Weiss Brandt</i>	Pg. 11
4. SOMOS O QUE NÃO EXISTE <i>Luizza Milczanowski</i>	Pg. 14
5. LIVROS USADOS <i>Igor de Mattia Buogo</i>	Pg. 18
6. UMA VERDADE TÃO PRECIOSA <i>Gabriela Almeida</i>	Pg. 21
7. AS CARTAS DO CÉU E DAS ENCRUZILHADAS <i>Marcabrü Aiara</i>	Pg. 23
8. O LIVRO DE JUDITE <i>Thaís Chagas</i>	Pg. 26
9. TRANSFIGURAÇÕES <i>Gustavo Paiva</i>	Pg. 29
10. AEROPORTO <i>Raquel Garcia D'Avila Menezes</i>	Pg. 32
11. METADE (ou Todo olhar por mais inteiro só enxerga um homem repartido) <i>Andre Luiz Godinho Aguiar</i>	Pg. 34
12. PERTO DO ASFALTO, LONGE DA CIVILIZAÇÃO <i>Oneide Andrade da Costa</i>	Pg. 40
13. ONOMATOPEIA <i>Catarina da Silva Romeiro</i>	Pg. 42
14. A VISÃO CANSADA DO HOMEM <i>Vitor Fernandes</i>	Pg. 45
15. ORGAN-ISMOS INVISÍVEIS <i>João Camilo Sevilla</i>	Pg. 50
16. REPARA <i>Emanuel Félix</i>	Pg. 53

Editorial

As artes são os outros

Por Willian Machado

É comum ouvir que qualquer forma de produção criativa é uma maneira de expressão pessoal. Nas obras autobiográficas, ficcionais e poéticas, linhas, sons, cores, palavras e movimentos tomam significados distintos e passam a representar sentimentos, memórias, histórias inteiras. Cada traço é imbuído de vida humana; cada contato com um outro que lê, observa e admira é um grito de existência.

Somos formados através do contato com o outro. Experiências sensoriais distintas iniciam uma dança em que se aproximam, se contrastam, se rejeitam, se questionam e se somam. Neste processo incessante e nem sempre agradável, a literatura e a arte podem – e devem! – servir de catalisadores para a nossa transformação.

A **Revista intransitiva** defende que a maneira como nós percebemos o mundo é moldada por nossas vivências e que a literatura e a arte têm o potencial de agir como facilitadoras da expansão de nossas experiências e do alargamento de nossas possibilidades. É através das diferentes linguagens e da alteridade que somos refletidos e podemos nos entender de outras formas, nos questionar, enxergar como outras pessoas também percebem o mundo de maneiras próprias e, na melhor das esperanças, transformar nossas perspectivas.

Os textos selecionados para esta edição – “Como só você percebe o mundo?” (v. 4, n. 1) – pela equipe de avaliadores/as e editores/as da Revista intransitiva explicitam as diferentes visões que compõem o mundo em nosso grão de areia. Refletem problemas reais e expectativas futuras, alternam entre o concreto e o etéreo, variam da subjetividade ao coletivo. Lido individualmente, cada texto constrói seu próprio olhar sobre o mundo; lidos em sequência, os olhares e os mundos se multiplicam e transformam mutuamente.

Esperamos que você, leitor ou leitora, perceba nosso cuidadoso trabalho neste âmbito. Pensamos em como as relações entre textos nas duas metades da edição podem acentuar as sensações criadas através da leitura de cada um, ressaltando as diferentes abordagens. Entretanto, são estes os convites que fazemos desta vez: que você possa estabelecer suas próprias relações entre as palavras e ilustrações nas próximas páginas e, a partir dos muitos uns, enxergar um todo de potencial sensibilizador. Que você se perceba neles e, neste processo, possa também perceber o outro.

Torcemos para que, ao terminar sua leitura, você possa responder à pergunta titular de forma diferente do início. Que sua jornada pela literatura, tal como a nossa, traga transformação.

Willian Machado

Editor-chefe da Revista intransitiva

Entre lençóis

— Miguel Simões

BIOGRAFIA DO AUTOR

Miguel tem 27 anos, está no mestrado da Faculdade de Letras da UFRJ e é mais um desses que encontrou nos estudos, e principalmente na literatura, um modo de construir sua história e ser visto como pessoa. Seu primeiro conto, chamado “Lucia”, foi publicado pela revista **Subversa**.

RESUMO DO TEXTO

Crianças veem o mundo de formas tão diferentes, e ao mesmo tempo tão inocentes. Depois, crescem e não entendem porque são do jeito que são e pensam justamente como pensam. Talvez porque esquecem o que viram quando crianças e como isso pode afetar o modo que enxergam quando adultos.

Em um passado não muito distante, lá pra época dos anos noventa, a violência não era tão alarmante, e, por isso, antes do jornal que precedia a novela, as donas de casa podiam colocar suas cadeirinhas na calçada e se sentar perto umas das outras, para fazer fofoca enquanto as crianças brincavam na rua.

A infância, para quem nasceu nos anos noventa, era boa. Havia época para todo tipo de brincadeira. Tinha a época em que todos só queriam jogar futebol; a época em que ameninada da rua se reunia para brincar de esconde-esconde (mas não podia dar a volta no quarteirão); e a época de empinar pipa, que geralmente era próxima da de soltar pião, o que confundia um pouco, mas no final todo mundo se divertia.

O pequeno Caio morava na antiga Rua Vinte, numa casinha de dois cômodos, alugada pela mãe. Ana era uma empregada doméstica que, como muitas, trabalhava dobrado para sustentar sozinha o filho. A casinha deles ficava num terreno sem muros, com o mato já muito alto, visto que a mãe não tinha tempo para capinar e nem dinheiro para pagar alguém para realizar o serviço.

Ao contrário das outras mulheres da rua, que ficavam o dia todo em casa, limpando o que já estava limpo, enquanto os maridos trabalhavam na fábrica da cidade, a mãe de Caio não chegava do trabalho e colocava sua cadeirinha na calçada a fim de fofocar. Ela não tinha tempo nem paciência para cuidar da vida dos outros, por isso preferia ir beber no bar da esquina. Lá, era amiga de todos, desde a senhora que não falava muito, mas estava sempre tentando a sorte numa máquina de ganhar moedas, até ao dono do boteco.

Enquanto bebia suas cervejas, Caio brincava na rua. As crianças gostavam muito dele, pois sempre que ia ver a mãe no bar, voltava com balas e chocolates que dividia com todo mundo. As outras donas de casa também gostavam daquela família de dois, ou pelo menos era o que deixavam parecer. A verdade é que quando juntavam as cabeças para fofocar, eufóricas, comentavam como era vergonhoso uma mulher solteira, com filho pequeno, ficar todo dia enchendo a cara no bar.

Naquela noite, Ana estava completando trinta anos. Tinha ganhado uma garrafa de conhaque dos seus amigos do bar e bebido metade dela em meio aos brindes com cerveja. Segundo suas próprias palavras, ela se fodia lavando privada dos outros para conseguir criar seu filho, por isso tinha todo o direito de comemorar como bem quisesse.

Caio já estava acostumado a ver sua mãe bêbada, embora não entendesse muito bem como isso acontecia. Sóbria, ela era paciente e amorosa, sempre cansada por causa do trabalho, mas mesmo assim disposta a ouvir as histórias que o filho lia ou inventava. Entretanto, quando bebia, se tornava uma mulher estressada e inconsequente, sempre culpando o menino por tudo de errado que acontecia em sua vida.

Caio guiou a mãe até sua casa, e, por estar tremendo de nervoso pelo estado de Ana, teve um pouco de dificuldade para abrir a porta. Quando conseguiu, Ana foi direto para o banheiro vomitar. Ele ficou um tempo olhando a mãe agachada no chão do banheiro, com a cabeça dentro do vaso, e depois foi trancar a porta da cozinha. Quando voltou, ela estava indo lentamente para a cama, bastante tonta, xingando palavras que não pareciam fazer sentido nenhum. Os dois dormiam na mesma cama de casal, e, assim que ela se deitou, o filho a cobriu com um lençol e pegou outro para ele.

Caio ficou observando a mãe roncar absurdamente alto, até que acabou vencido pelo cansaço e também adormeceu. Mas o sono do menino não durou muito, porque alguns minutos depois acordou, assustado, ouvindo um barulho estranho. Logo, constatou que o som era da janela. Para ser mais específico, de alguém que estava do lado de fora e tentava abrir a janela.

Caio sabia que a tentativa de arrombamento daria certo, porque, apesar de ter trancado a porta da cozinha, tinha ficado tão preocupado com a mãe que esquecera de trancar a janela do quarto. Tentou respirar o mais baixo que podia e controlar a tremedeira que tinha voltado a percorrer seu corpo. Seu coração, tão acelerado, parecia que ia rasgar o peito e pular para fora. Ele viu a janela sendo aberta

devagar e silenciosamente, e, em seguida, duas mãos grandes e esqueléticas irromperem da noite escura.

Primeiro, as mãos se tornaram braços igualmente magros e longos. Uma cabeça raspada e que refletia a luz do luar apareceu, seguida de um tronco estranhamente grande em comparação aos braços finos. Em pouco tempo, a figura estava em pé como um assustador vulto cadavérico, imóvel, observando Caio e sua mãe deitados na cama.

O pequeno sabia que o vulto não o conseguia ver, pois ele tinha se coberto até a cabeça com o lençol, o que possibilitava apenas que ele visse os movimentos do invasor. Assim, acompanhou a figura macabra caminhar até o interruptor ao lado da porta, como se soubesse exatamente onde ficava.

A luz foi acesa. O lençol branco se tornou quase transparente com a iluminação. Caio pôde ver nitidamente um homem e, ao perceber que o homem o olhava, fechou os olhos apressado, e sentiu o lençol ser tirado delicadamente da sua cabeça. Fingiu estar dormindo e foi coberto outra vez. Ele conseguira enganar o invasor. Se sentiu mais aliviado, pois sempre soube que, à noite, se permanecesse totalmente coberto, estaria protegido.

Ainda com a luz acesa, o homem começou a tirar sua roupa, fazendo isso com uma tranquilidade que se tornaria perturbadora. Caio acompanhava cada movimento como se assistisse a um filme em câmera lenta: o ser jogou a camisa, a bermuda e a cueca em um canto do quarto, e apagou a luz antes de se deitar completamente nu entre o menino e sua mãe.

A respiração de Caio estava tão alta quanto os roncos da mãe. Ele nunca chegou a saber exatamente quanto tempo o homem ficou deitado ali, cheirando a suor e bebida. Completamente protegida pelo lençol, aquela criança estava separada do que acontecia no quarto, protegida contra qualquer coisa ruim que pudesse acontecer. Foi dessa forma que, mais uma vez, acabou vencida pelo cansaço e adormeceu.

A luz do sol, que entrava pela janela totalmente aberta, iluminava todo o quarto quando Caio acordou. Ao seu lado, sua mãe permanecia dormindo. Ela havia parado de roncar e o travesseiro estava tampando seu rosto, o que o menino imaginou que era para evitar a luz que entrava pela janela e atrapalhava o sono.

Caio percebeu que a mãe estava sem roupa. Lembrou do homem cadavérico que havia entrado pela janela durante a madrugada, mas não havia mais ninguém naquele quarto além dele e da mãe. Nem mesmo as roupas que haviam sido jogadas ao canto se encontravam ali. Parecia que tinha sido um dos pesadelos mais horríveis que tivera na vida e que, com toda certeza, não esqueceria nem depois de adulto.

O pequeno ia sozinho para a escola todos os dias. Levantava, enquanto sua mãe ainda dormia, passava manteiga no pão, enchia um copo com leite e tomava o café da manhã. Depois de tomar banho e colocar seu uniforme, pegava a mochila, dava um beijo no rosto da mãe e saía. Ela podia dormir até um pouco mais tarde por causa do horário de seu trabalho.

E foram exatamente essas coisas que Caio fez naquela manhã. Exceto que, antes de sair, cobriu a mãe com seu próprio lençol, deixando-a protegida de qualquer coisa ruim que pudesse acontecer; aliviado por agora ela estar dormindo profundamente. Ele se certificou também de a janela estar bem trancada, e só assim saiu correndo para encontrar os outros meninos da rua e ir para mais um dia de aula.

multidões —

Joilson Bessa da Silva

BIOGRAFIA DO AUTOR

Joilson Bessa é graduado em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), pós-graduado em Literatura, Memória Cultural e Sociedade pelo Instituto Federal Fluminense (IFF Campos Centro) e mestre em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF Campos). Atualmente é membro titular da Câmara Técnica de Audiovisual do Conselho Municipal de Cultura de Campos dos Goytacazes e ocupa o cargo de professor da rede pública municipal nesta mesma cidade e em Duque de Caxias. Leciona História na Escola Municipal José do Patrocínio (EMJP) e minis-

tra aulas de Geografia na Escola Municipal Maria Lúcia (EMML).

Joilson Bessa possui três poemas publicados: “Mascarados”, terceiro colocado em Campos dos Goytacazes e ganhador do prêmio de melhor intérprete do estado do Rio de Janeiro, no Prêmio SESC de Poesia (1999); “Riso: advérbio de intensidade”, poema finalista do VII Festival de Poesia Falada (2005); e “A casca”, poema classificado para a final da VIII edição do Festival de Poesia Falada (2006), ambos também realizados no município de Campos dos Goytacazes.

RESUMO DO TEXTO

O poema “multidões” reúne palavras, expressões, impressões e sentimentos de aproximadamente quarenta pessoas, quando indagadas sobre o espaço das cidades e o fenômeno das multidões. Portanto, consiste numa experiência poética, provocada por várias vozes.

ando em meio a multidão
por becos curvas vielas
avenidas esquinas
ruas quebradas
contravenção

em meio a multidão animada
sou movimento interrompido
grito calado soco contido
gesto aprisionado gozo
suspensão ausência
sufocada

corro em meio a multidão
por entre carros prédios
muros postes janelas
cercas grades
prisão

em meio a multidão apressada
viro lobo sem cordeiro presa
da matilha crocodilo irritado
abutre enfurecido barata
perseguida formiga
esmagada

desabo em meio a multidão
de pontes edifícios coretos
plataformas andaimes
viadutos semáforos
nuvens de concreto
rebentação

em meio a multidão desesperada
sou vaca desnutrida chifres
couro tutano pele osso
pedaço pequeno de
carne na arroba da
boiada

desapareço em meio a multidão
dentro de parques túneis
praças *shoppings* galerias
labirintos subsolos
porão

em meio a multidão atordoada
fico tonta claustrofóbica
dispersa aflita zonza
arrepiada apreensiva
contida tensa
paralisada

desintegro-me em meio a multidão
feito poeira tóxica vapor barato
alegria de carnaval lodo
lama bolha de
solidão

em meio a multidão assustada
sou mais uma entre tantas
louca ansiosa insegura
curiosa anônima
confusa perdida
preocupada

sumo em meio a multidão
como fumaças luzes ondas
satélites buzinas vapores
discos voadores
alucinação

em meio a multidão desatinada
sou criatura inventada chip
semicondutor |||||
vencido receptor de
satélite imagem
capturada

...

retorno do meio da multidão visível
mente cansada supostamente bem
aparentemente livre sendo eu
mesma e isso tudo ruína
madeira de demolição
destroço em decom
posição poeira
fragmento
da frag
ment
ação

Quem sonha tem a alma morta —

— *Rafael Weiss Brandt*

BIOGRAFIA DO AUTOR

Rafael Weiss Brandt é advogado militante, escritor e pesquisador expatriado. Tem contos e poemas publicados em diversas revistas. Atualmente, trabalha na elaboração de um romance e uma obra de análise sociológica do processo político brasileiro.

RESUMO DO TEXTO

Por que a utopia parece tão distante? Por que há uma escassez dos que, por olhos intrépidos, ousam ver no mundo algo de melhor? É através da secura de uma realidade cinza que “Quem sonha tem a alma morta” tenta responder a essa pergunta. Nesse conto, que pode se passar em todos os períodos históricos do Brasil, experimenta-se um excerto de um dos tantos filhos rebeldes da mediocridade. É por ver a falta de cores do mundo que podemos aspirar ao colorido.

Olha quem passa corajoso na calçada. Ousadia! Os cidadãos lhe cospem as palavras e a saliva aos pés pelados. Ninguém gosta do bicho, não se tolera aquela deformidade, aquela grotesca lentidão – figura mórbida, suspirante, um miserável estertor. Podia ser tão grande. É só gordo. Uma ofensa, realmente, à brancura.

O Professor de Literatura, *apparatchik* do Brasil colonial, francófono nato e adorador por obséquio das luzes gregas, pensara discreto anos atrás: esse aí restaria ao descarte pelos espartanos. Profecia.

Nunca um sorriso no restaurante na espelunca na escola na casa na igreja. Na vida. E era essa a vida. Nem nela cabia vírgula pra deixar respirar. Na vida só tem ponto mesmo. Vocabulário repetitivo todo dia. Não podia ser mais, ela, a vida. E o bicho é bom. Domesticado. Não quer problema, não é de problema.

Se causa problema, é porque não se controla. Às vezes quer, despudorado, aspirar mais do que essa moída razão, mais do que essa angústia embaixo da pele balofa.

É esperto o Bicho. Sonho é pra quem tem a alma morta. Não dá pra sonhar quem quer viver. Se sonhasse, morreria ali, na rua mesmo. Tem que ser esperto, cruel, rígido, apertado. Não tem mãe pra passar a febre. Não tem almoço pago. Bicho esquiva, dribla a vida como não consegue driblar no futebol de campinho. Pula, leva no estômago e chora.

No carro parcelado pisa forte pra sentir o vento na cara. Fantasia: vou-me embora daqui, fugir num container. Fica pra trás a garrafa, a barriga, o trabalho. Lá vou ser feliz.

Bicho dia desses foi fazer um curso. Besteira, coisa boba, mas melhor que nada. No curso, uma Professorinha bonita, gostosinha. Mugido nas entranhas. É rara tal ênfase.

Quem quiser ajudar com o jornal, fala comigo depois. Precisa de experiência não, vamos aprender junto a escrever, diagramar e fazer todo o processo jornalístico.

Hum hum hum. Deu até fome.

Lá vai o bicho torto e perdido, pra ajudar com o Jornal. Nunca escreveu e nem sabe muito bem como toda essa complexidade funciona. Compensa com o desejo intrépido de atenção. Surpresa: é bom nisso. Gosta disso, ele que nem gosta de nada. Escreve como bicho, sobre o que vê o olho de bicho dele. Não é que a bicharada gosta do que ele escreve?

Manda até um recorte do jornaleco vagabundo pra irmã, vai que ela gosta também. Vai que ela faz um mural e mostra orgulhosa pros amigos o que o Bicho escreve. Mas nada é melhor que a alegria da Professorinha: aquele sorrisinho de olhos puxados, como dentes podem ser tão brancos? Bicho se derrete dentro da própria carne.

Tava indo bem, a vida. O Bicho quer viver. Quer bater o coração, quer fazer a Professorinha orgulhosa: por que é que o amanhã não pode ser melhor?

Aí, entra na sala, ansioso pelo porvir. Gosta de deixar um agrado pra Professorinha antes da aula, um chocalinho ou uma flor. Homens-gorila, Polícia ou Militar ou ambos, sentados, esperando: cigarros brilhando como semáforos na chuva, pousados em círculo como abutres ou condores a ritualisticamente aguardar a carniça.

Botam o Bicho no carro. Batem, moem, mordem, se lambuzam de sujar o bigode. Não gostam do jornal, não gostam de bicho. Mas é só um jornaleco que ninguém lê!

O pecado é ousar. O pecado é sonhar, porque quem sonha tem a alma morta. E o dia do juízo chegou. Lida a sentença condenatória dos não-redimidos pela existência polida-pequeno-burguesa, aplica-se a pena. Bicho suspira: é hoje que eu morro. Não quer morrer, o mundo é tão bonito.

Num quarto penumbroso, o Bicho vê o corpo torturado, destituído, humilhado da Professorinha Morta. Seviciada. Por sonhar.

É a última coisa a ser vista.

E pelo mesmo motivo, o bicho teve a alma morta.

Restou descartado.



Somos o que não existe —

Luizza Milczanowski

BIOGRAFIA DA AUTORA

Tem 21 anos e é estudante de direito da UFRJ. Pôde colaborar com alguns de seus textos na revista **Desenredo**; em 2015, no projeto **Folhinha Poética**; em 2017 e 2019, na revista **Philos**; em 2016 e 2017, na **Revista intransitiva**, e na **Subversa**, em 2018. É também colaboradora da **Fale com Elas**, na plataforma **Medium**.

RESUMO DO TEXTO

Magoada com o fim de um relacionamento, uma mulher, ao voltar para casa em uma noite escura, reflete sobre sua existência com relação a si e aos outros, sobre a liberdade de ser o que se é e aquilo que condiciona essa liberdade.

É inevitável a vontade de morrer. A dimensão do corpo de ossos na cama e o estômago côncavo da fome. Não tenho forças para levantar e comer alguma coisa. Deixar de comer é uma maneira de desaparecer. O corpo afunda na cama e sinto que, por meio da fome, deixo um pouco de existir. A fome é uma forma de não existir. E é também uma forma de dor. Sentir dor, paradoxalmente, faz existir. É uma forma de sentir o mundo porque não se quer sentir outras dores. É a dor física que substitui a dor emocional.

Tento me distrair pensando em formas de morrer, em formas de me machucar, e os momentos do passado e da fantasia vão rodopiando em imagens disformes. Minha consciência é profundamente imagética. As imagens se formam e disformam, gelatinosas. Nado no ambiente, atravessando o ar em posição cachorrinho. Um dia eu aprendi a nadar.

Tento me distrair também, porque agora não posso chorar. Sei que, se falhar, se me deixar um momento sozinha, se não me deixar ocupar, nadando, nadando, correndo entre as borboletas, vendo e fugindo das imagens que me machucam, irei chorar. As lágrimas chegam a subir aos olhos, mas as ignoro, não permito que elas se formem propriamente em choro, porque esse choro será enorme, ruidoso, gigantesco, infundável. Sabemos, agora eu não posso.

Eu me sinto segura nas imagens que existem em mim. Mas, mesmo dentro da minha mente, eu não posso ir a todo lugar. Eu só posso ficar no jardim, que é formado por um monte. Lá é o único lugar que me sinto segura, o único lugar-momento, que se repete e se repete. É lugar que repete o mesmo momento dentro de um mesmo tempo-espço. Não posso entrar na casa, acessar os cômodos. Não é seguro. As gavetas estão abarrotadas. Em minha mente, eu só posso ficar no jardim, entre as borboletas.

Indo para casa, eu olho bem para a estátua de Caxias, para o Cristo lá atrás e o pôr do Sol ao fundo. Eu diria que o Cristo está atrás do pôr do Sol, mas não é assim. Acho tudo muito bonito ainda que veja as mesmas coisas todos os dias, ainda que seja a Central do Brasil. Vadim me diz: a vida é bonita. A vida é triste. É tudo que preciso saber. Mesmo assim, vem o estresse do transporte público às 19h do horário de verão, que me fará viver menos dias, escrevam.

Passam-se imagens e vontades. Mas sei que não farei nada. No fundo, serei previsível e deixarei tudo para lá – seguirei meus dias como sempre são os dias, a rotina cerceante, o mundo dentro de mim, minhas vontades de fazer arte – e, no fim, morrerei.

Tentei pensar em pessoas que poderiam me ajudar, em alguém que eu pudesse contar nesse momento. Mas não me veio ninguém. Não fui capaz de pensar em ninguém que eu tivesse plena confiança, a quem eu diria: posso ir para aí? Sim. E eu não precisaria me explicar, porque, com aquela pessoa, nenhuma explicação seria necessária.

Novamente a vontade do choro, e sabemos que não posso chorar.

O caminho do trem para casa é escuro e deserto. Vou andando com rapidez. Se eu morrer, ninguém saberá da dor que eu senti hoje, de todo o sofrimento e mágoa que sinto. Se eu morrer aqui, ninguém saberá o que senti em meus últimos momentos, o que exatamente eu pensei, o que exatamente fizeram comigo, como/quem era meu assassino, por que era, e por que eu era. Nada disso efetivamente existirá porque minha morte porá fim nessa existência. O que agora existe em mim deixará de existir comigo. Nunca chegou a existir. Nada existe além daquilo que somos em um instante e do que recriamos incessantemente. É a recriação incessante da vida o processo de nos eternizar na escrita. Mas nada do escrito é o que efetivamente existiu. Nada existe além do que existe no instante.

Foi assim que, no caminho, eu vi uma moça. Mais à frente, ela andava também sozinha. Acelerei o passo porque queria tê-la no meu campo de visão, não muito distante de mim. Se algo acontecesse a ela, eu veria. Se algo acontecesse a mim, ela estaria ali. Acabei andando rápido demais e me aproximando demais. Assim, vou assustá-la. Mas não durará um instante, porque ela vai ver que sou uma

mulher e logo ficará tranquila. É o que acontece. O meu erro é que continuei a andar rápido demais e logo era eu a estar na frente. Agora ela era eu e eu era ela. Continuei a andar, a igreja de um lado, eu do outro.

A dor da indiferença é uma dor que dói fundo. É uma dor pior do que a dor da raiva, da briga, das discussões. Porque a raiva, nociva, se retroalimenta com o outro. Porque existe o outro. Na indiferença, não há outro. A mágoa é inteira sua. Não há nada que a alimente além da dor da solidão, da rejeição, da falta de amor do outro. A falta de plenitude no amor é paralisante. Descobrir que não se é amado e que não existe nada a se fazer com relação a isso. Não se pode fazer nada na falta de amor: não se enfia o amor na goela do outro. Se alguém não te ama, não existe nada que se possa fazer. É a partir disso que vem um dos processos mais dolorosos em nossas patéticas relações humanas: o seguir em frente.

Lidar com a solidão é um processo demorado. Aprender a estar só, a existir em si mesmo. É o medo de não existir além de nós, de morrermos no que somos, que nos faz estar com o outro. É a partir do outro que seremos alguma coisa. É a partir do outro que se é.

Por isso, agora, eu preciso de você. Sem o leitor, eu não existo. É nesse processo de construção da minha existência que eu te convido a seguir comigo.

Tem gente que se casa ou divide as novidades com os amigos. Eu escrevo.

Escrever não é a melhor opção. Escrever é doloroso e, muitas vezes, desagradável. Escrever não nos afaga, não tem a pele cheirosa e quente, não nos beija os olhos, não nos elogia, não nos abraça. É muito melhor contar a um amor do que contar a um papel.

O papel é um reflexo do que somos com maior liberdade e inteiriço. Eu sou inteira dentro de mim e quase inteira em minhas palavras. As palavras são refrações debilitadas da imensidão que vivo sendo quem eu sou, em minha consciência, como é cada um de nós. Como é você. Escrevemos para um outro que somos nós e um outro distante, desconhecido, que é você. Mas, sem você, eu não teria por que escrever. Sem você, eu não existo.

A solidão é perfeita para quem escreve porque, com uma companhia, existem menos motivos para escrever. A necessidade vem, inevitável, da forma como deve vir: na dor. O escritor exercita sua solidão, sua observação e sua imaginação para deixar passear o seu Eu fluido. É um Eu que se torna muitos e que vai e volta, repete e inova, vem a ser e deixa de ser.

Escrevo também porque o que sou em meio a outras pessoas é algo muito distante do que sinto que posso ser em mim. Não consigo ser com os outros da mesma forma que sou nesse pedaço de papel. A vida é feita de muitos inteiros que se desencontram. Não há muito espaço na rotina para as lágrimas da falta de plenitude no amor. Não existe nenhum lugar – e agora nem aqui, no papel – que eu possa transbordar toda a mágoa que há em mim. É triste ter de dizer isso. Sei o que sinto e como isso me faz sofrer e como isso me machuca, mas é algo que eu só posso ter para mim. Não posso transmitir a mais ninguém essa dor física que mora em um espaço tangível de ferida aberta em meu corpo. Há individualidades frementes na vida que pertencem somente a si mesmo. Me diga: você sente que a dor, por isso, deixa de existir?

As coisas que não existem – que existem apenas no nosso Eu – são as que existem visceralmente. Somos, no fundo, o que nunca existirá em mais ninguém. Estamos fadados à solidão de sermos quem somos, de sentirmos o que sentimos e de não podermos comunicar a mais ninguém a completude desse sentimento. O entendimento mora em um espaço que existe entre o que eu posso transmitir e aquilo que o outro imagina perceber, e essa percepção é sempre refratada. Nunca somos o que se é para os outros. Nunca seremos capazes de apreender o inteiro do outro. Somos em essência aquilo que não existe.

No fundo, sabemos, isso não diz nada. Não ajuda em nada. A vida seguirá até deixar de ser. Engolida pelos microespaços que posso observar de perto, pela vida de cada um, pelos fatores que nos condicionam à pretensa realidade: pobreza, transtornos mentais, abuso. *Eu sou livre?*, pergunta Vadim. Somos livres. Mas algumas liberdades são maiores do que as outras. Divirta-se.

Livros usados

— *Igor de Mattia Buogo*

BIOGRAFIA DO AUTOR

É acadêmico do curso de História – Licenciatura, na Universidade do Extremo Sul Catarinense.

RESUMO DO TEXTO

Aquilo que está às margens no conteúdo de um livro usado e riscado evidencia algo maior. Nossas percepções do Tempo, de suas mudanças e continuidades, podem ser induzidas através dos indícios deixados nos livros usados por leitores do passado, antigos manuseadores dos artefatos que veiculamos em mãos, no presente.

Em muitos casos, livros de segunda mão possuem inscrições, assinaturas, trechos sublinhados, mapas conceituais desenhados. Leitores são autores na medida em que inspiram significados novos ao material literário. Por sua vez, as rasuras e escritos nas páginas, que tanto nos incomodam e continuarão a fazê-lo, são resquícios de trajetórias passadas; são testemunhas da experiência temporal e das diferentes recepções às quais o mundo do texto penetrou no mundo dos leitores.

A presença de desenhos e esquemas a lápis, as anotações e informações sublinhadas, as setas que apontam as relações entre autores e ideias realizadas em grosseiros ou sofisticados mapas conceituais nas margens das páginas, típicos de livros de cunho teórico, são alguns elementos que indiciam a existência de um passado de usos e interpretações às obras usadas. Indicam a presença de um ou mais sujeitos dotados de intenções e expectativas, que manusearam o material literário para fins que podem ser, no presente, mais ou menos legíveis, nos colocando na trajetória de alguém que passou por ali antes, tal qual o arqueólogo vislumbrando resquícios de uma extinta civilização. O passar das décadas e a peculiaridade do acaso transportam a obra para outros contextos e lugares – mesmo outros continentes –, e a experiência da trajetória e das intenções dadas ao livro, caso o mesmo não se desgaste em sua materialidade, restam nestes resquícios rasurados, anotados e sublinhados.

Passado, presente e futuro se entrelaçam através de artefatos, e os livros usados são testemunhas da passagem do tempo em dimensões humanas – sobretudo, artifícios de expectativas para com o futuro, na medida em que as intenções dos leitores foram implicitamente destacadas em trechos que consideraram importantes, em parágrafos que necessitaram contextualizar, em frases marcantes ou academicamente significativas que foram sublinhadas, ou mesmo em pequenos textos de caráter memorialista feitos a lápis ou caneta nas primeiras páginas, lembrando as situações originais em que a obra foi primeiramente descoberta, presenteada ou lida pelo primeiro possessor, bem como suas impressões subjetivas da mesma e das pessoas envolvidas no ato.

Não raro é possível perceber dedicatórias e lembranças existentes nas folhas de rosto, feitas para serem lidas no futuro. “*Ganhei este livro de...*”. Vez ou outra, uma afirmação da posse, em letra impecável: “*Este livro pertence a...*”, seguida de uma data, que pode transportar à década de 70 ou ao último decênio. Referências à cidade em que ocorreu o contato do primeiro leitor com o livro são comuns. Um de meus exemplares de Joseph Campbell foi, há mais de dez anos atrás (conforme a data escrita), um “*presente de Plínio*”, como consta em caneta azul, na primeira página. Quem foram estes indivíduos – Plínio e o presenteado, cuja assinatura me é ilegível –, que no passado significaram o livro como um presente? É provável que não saberei. Livros acadêmicos usados, de poesia ou de ficção, anotados e rasurados, oferecem de fato uma leitura paralela.

Quando os olhos perpassam cada frase sublinhada, cada anotação, esta leitura de livros usados nos condimenta um caminho para apreender a recepção destes artefatos, conforme ocorreu no passado. Muitas vezes, certo ponto de interrogação invasivo, ali escrito à beira de um parágrafo há um par de anos num denso volume acadêmico, também pode expressar dúvidas nossas. “O que o autor quis dizer aqui?”, eles modestamente perguntam. Num antigo exemplar pessoal concernente à história das religiões, consigo delinear uma moça (pois a assinatura é feminina) que possuiu uma particular curiosidade sobre o misticismo judaico, quando as evidências apontam um número elevado de passagens sublinhadas referentes a este assunto. Noutra obra, um leitor – anônimo e lembrado por seus indícios somente – esteve mais interessado no medo do mar durante a Idade Média. Alguns outros, desejosos de uma compreensão introdutória, só agiram com lápis ou marcadores nos primeiros parágrafos da obra, segundo posso testemunhar num grosso tomo de conteúdo teórico, na estante que me é familiar. Foram trajetórias cujos resultados nos escapam – estas leituras terminaram em teses? Pesquisas? Satisfação de interesses pessoais? –, mas evidenciam uma experiência da passagem do tempo e da ação dos indivíduos no mesmo.

Certos livros usados, no entanto, estão ausentes de anotações mais esclarecidas ou trechos grifados, limitando-se a indicar, a lápis, a numeração e o gênero na folha de rosto. Estes indicativos apontam uma quantidade indeterminada de tempo nas prateleiras de um sebo literário. Se, antes disso, foram

assiduamente usados, somente infelizes sulcos e dobras nas superfícies, nas laterais, nos rasgos ou amassados que ladeiam páginas, capas e contracapas poderão dizer.

Caso opta-se por realizar novos apontamentos e sublinhar outros trechos ao longo das páginas de um exemplar já riscado, lido numa temporalidade passada, criam-se novas leituras paralelas sobre o artefato, pois novas significações são dadas às ideias expressas no papel. O livro, na verdade, metamorfoseia-se num objeto que envolve o passado e o presente num só elemento, e em comum está o fato de que ambas as experiências – a leitura no passado e presente do mesmo volume e as anotações marginais decorrentes – convergem para as expectativas de um futuro, distante ou próximo, que já passou, ou que está sendo aguardado na consciência do leitor atual; futuro dependente dos usos e ambições dos variados leitores no tempo, de seus motivos e esperanças frente à obra em mãos.

Certamente, os livros de não-ficção representam apenas uma fração de exemplares usados que testemunham trajetórias e aspirações do passado/presente. Em meu antigo exemplar de *Eurico, o Presbítero*, de Alexandre Herculano, um leitor sublinhou frases do texto de acepções poéticas universais: “As minhas paixões não podiam morrer, porque eram imensas e o que é imenso é eterno”. Ou então “Realidade ou desejo incerto, o amor é o elemento primitivo da atividade interior; é a causa, o fim e o resumo de todos os afetos humanos”. “Que fora a vida se nela não houvera lágrimas”, também foi destacado. Estivesse o leitor interessado na estética da linguagem poética ou na narrativa de Eurico, não é certo, porém, as anotações e grifos aludem a uma “história perdida”, um sentido que se perdeu com o tempo, mas que pode ser reconstruído ao ser redescoberto e reinterpretado por meio destes testemunhos marginais, num outro local do espaço e do tempo, às nossas estantes e bibliotecas.



Uma verdade tão preciosa

— Gabriela Almeida

BIOGRAFIA DA AUTORA

Gabriela Almeida é uma mulher de 1,75m e quase 5 graus de miopia que é amada e perdoada. Estudante de Letras, é apaixonada por literatura, natureza, fotografia, música e sua família. Gabriela é cristã e crê fielmente que escrever faz parte de seu propósito de vida, assim como amar as pessoas ao seu redor.

RESUMO DO TEXTO

Como será que experienciamos o universo ao nosso redor? O que será que nos impulsiona a viver e molda nossa forma de enxergar a realidade? Questões como essas são levantadas por um Alguém desconhecido ao seu remetente, enquanto somos convidados a mergulhar numa imensidão de (não) descobertas sobre a vida e nós mesmos.

Você consegue sentir as cores? Cheirar o vento?

Sabe qual é o motivo pelo qual acorda todos os dias às cinco da madrugada ao som de seu despertador, o coloca no modo soneca, dorme por mais 5 minutinhos que viram 10 que viram 15 que viram 20 e êpa! preciso me arrastar da cama até o banheiro para tomar banho e me vestir, escovar os dentes, pegar as chaves, a bolsa, engolir um café às pressas e sair correndo para o ponto senão vou perder o ônibus!

Você consegue ouvir o tempo passando no ritmo do seu coração batendo? Sente os pássaros que cantam à medida que o sol vai nascendo?

Você já escreveu os dias da vida de alguém? Sabe como é que faz para fazer a terra girar? Talvez uma volta no parafuso da engrenagem que a move seja o que falta para tudo fazer sentido.

Já tentou escorregar na borda do mundo? Deslizar pelas águas até cair do planeta e mergulhar no oceano da galáxia povoada pelo pó das estrelas? Alguém me disse que as estrelas são feitas de hidrogênio e outras coisas mais, mas de que vale saber isso se você não consegue criar uma delas?

Você sabe como um feto se forma no ventre de sua mãe? A primeira casa de qualquer um está dentro de outro ser a ele semelhante. Onde você mora hoje? Ainda anela por pertencer a alguém de forma tão íntima e dependente quanto aquela em que foi gerado. E não, essa não foi uma pergunta, pois eu mesmo dei a resposta. Está começando a perceber?

Você toca o horizonte com suas próprias mãos e o molda e colore do jeito que preferir? É ele uma aquarela em seus dedos e uma doce onda para seus ouvidos? Você atravessa a rua sem olhar para os dois lados e de repente FÓM! FÓM! – qual era o sentido mesmo? Do caminho? Da vida? Da dor lancinante que afunda em seu estômago toda vez que você se lembra de como foi traído pela pessoa em que mais confiava?

Você já observou o som da chuva?

Você pretende se formar, arranjar um emprego, conhecer alguém especial, subir na vida, realizar seus sonhos e... ser feliz... é, ser feliz. Isso ainda existe?

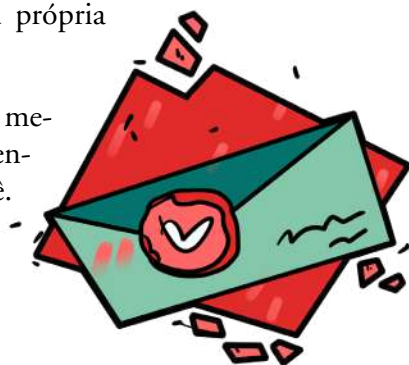
Mas o que você precisa entender é que você... Sabe de onde vieram as flores? Mediu a altura das montanhas? Decidiu quem nasceria rico ou pobre? Inventou o voo da águia? Sonhou com a canção eterna que ecoa desde a fundação dos séculos?

Como será que você percebe o mundo? Só eu tenho as respostas. Só eu posso te contar. Mas que graça teria desfazer o nó que você escolheu atar entre nós se só eu me comprazeria? Onde está a sua satisfação?

Você pode provar o sabor do arco-íris que eu derramei de sobre as nuvens até chegar ao vale mais profundo? Depois de se envenenar deliberadamente, você suplicou pela própria morte, escravizado por medo, e eu te vi enquanto chorava.

Você é a mais bela de todas as coisas que eu inventei. Tão pequeno... mas da medida perfeita para que eu caiba dentro de seu coração. Tão perdido... mas encontrado pela única coisa que vai durar para sempre... o meu amor por você.

Você consegue dizer sim para uma verdade tão preciosa?



As Cartas do Céu e das Encruzilhadas

Marcabrü Aiara

BIOGRAFIA DO AUTOR

Marcabrü Aiara é professor, músico e dramaturgo, casado e pai de dois filhos. Autônomo, realiza intensa atividade didática e criativa de música, idiomas e teatro.

RESUMO DO TEXTO

Uma dramaturgia lírica, universal e alegórica sobre a liberdade, a transcendência e a tradição espiritual, livremente inspirada no povo cigano, também conhecido como o povo do vento ou povo da estrada.

No centro do palco, há uma roda de carroça cigana inclinada e velha, tombada pelo tempo. Em torno da roda, se desenvolve toda a dança da dramaturgia, simbolizando as danças circulares e ancestrais desde a noite mais escura do tempo. No fundo, à esquerda - porque os caminhos sinistros e canhotos demandam luz -, uma luminária de bambu com o lustre em globo, com sua luz declinando em sete cores, símbolo das sete fases da lua (a crescente e a quarta crescente, a minguante e a (fase) quarta minguante), a lua toda plena e seu par todo escuro no céu, a lua nova vazada, mas jamais vazia, mãe de tudo debaixo do céu. O cenário é mínimo como os lamentos que se carregam ao túmulo.

Solo de flauta de bambu, entra a Bailarina com uma coreografia de 4 lenços coloridos nas mãos – vermelho, amarelo, branco e preto – e começa a falar.

Bailarina – Os caminhos do céu são ensinados pelos pássaros, suas migrações e ancestralidades. Não inventaram esses caminhos porque são filhos dos ventos (joga cada lenço na direção dos 4 pontos cardeais) e os caminhos do céu são transmitidos de mãe para filho, como num clã, em sucessão discipular. Os pássaros, portanto, são filhos dos ventos, como os gitanos, que conhecem os caminhos do céu como a palma de suas mãos (abre os braços em cruz, depois três palmas percutidas com as mãos, de ambos os lados, como no flamenco, finalizando o solo de flauta) e seus andares nesta Terra são inspirados nos pássaros, seus irmãos de caminhada, peregrinação e ascensão.

Começa solo de ukulele.

Bailarina – Mas não é uma estrada sem lei o céu, não é um campo intocado pelos arados, porque a noite é feita terra escura do céu, fértil de tudo, a mãe mais velha de todas as coisas, mas também desterro das almas, sepultura para outros. Não é uma terra virgem, uma folha em branco, um azul vazio e sem fundo, embora o céu não tenha mesmo beiradas.

Bailarina ajoelha-se em posição de reverência e humildade, retira as cartas da bolsa, embaralhando-as e olhando para elas..

Bailarina – O céu está riscado de cartas, mapas e caminhos por onde as estrelas escrevem os destinos nesta Terra. (Tira uma carta do baralho e fala) A Morte!

Fim do solo de ukulele.

Bailarina – Pássaros voam como mensageiros, suas quedas são oráculos assim como suas fêmeas em parto. O céu não tem pegadas, mas tem os ventos, sendo senhor de seus caminhos, e a migração dos pássaros como tradição, como uma via sacra – o voo de um pássaro é feito um peregrino em busca de sua divindade. Um sudoeste, entrando nas margens costeiras, levanta os mares, como um veredito. O céu não tem pegadas, mas tem a ancestralidade dos voos, desde antes da humanidade caminhar sobre a Terra. Tem o vento frio do norte com seu inverno, sua morte lenta e severa. O céu não tem pegadas, mas tem os seus prenúncios de tempestades (solo de tambor iniciando uma nova coreografia; Bailarina continua a falar), suas nuvens férteis de chuva – o céu também é seco e

árido acima dos desertos, e os pássaros não migram aleatórios. O céu não tem pegadas, mas as aves imperiais têm os seus berçários e ritos e seus próprios cemitérios, e o falcoeiro sabe quando seu falcão não voltará do voo.

Corte seco do solo de tambor.

Bailarina – O céu tem suas próprias pegadas para quem é do céu.

Solo de flauta de bambu.

Bailarina sai de cena.

o livro de judite

Thaís Chagas

BIOGRAFIA DA AUTORA

Thaís Chagas é professora, pesquisadora e revisora. É autora do livro **Alinhavar** (Editora Urutau, 2019). Cursa Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Anarquista, testemunha do contemporâneo e de seus delírios.

RESUMO DO TEXTO

Um poema que fala sobre um corpo estranho – que então não se mostra – e como a linguagem não o contempla. Fala como é educar/ter um corpo que não é lido, nem apreendido pela comunidade e pelas relações sem sofrer violência. Texto operado a partir das dores do mundo e do sentimento de solidão, dores não tão autênticas no Brasil de 2019.

quando se enxerga
o corpo estranho
momento ordinário
quando se enxerga
em poucos dados
o código binário
quando se enxerga
em passos firmes
o corpo ordinário
momento estranho
este que não lê

não domei costumes
comuns à humanidade
não domei linguagens
comuns à família
não domei andares
comuns aos homens
que domam mulheres

uma língua apátrida
operada na infância
uma língua corpórea
operada na infância
uma língua morta
operada na infância
momento estranho
comuns à família
que doma andares
das humanidades

momento estranho
faminto de folga
quando se enxerga
uma língua comum
operada na família
que doma andares
de barriga cheia

comuns aos homens
que domam mulheres
operadas na infância

costumes corpóreos
em passos estranhos

o que faço aqui logo
deste lado da história

momentos ordinários
firmes aos homens
que operam dados
comuns à humanidade

esta que não enxerga

Transfigurações

Gustavo Paiva

BIOGRAFIA DO AUTOR

Escritor frustrado de diários, Gustavo inventa seus dias, tece memórias falaciosas e, nas horas vagas, escreve alguns passos de dança pelas ruas da cidade. É metido com as Letras, quem sabe um dia venha a ser chamado de “mestre”. De todo modo, a única certeza é que se considera “indubitavelmente geminiano”.

RESUMO DO TEXTO

Este texto foi elaborado a partir de uma experiência real do mundo pelo autor. Qualquer engraçamento com a imaginação é mero capricho das palavras.

Foi com imensa alegria que toquei em uma flor e ela se fez larva. Também com certa alegria pousei meus lábios nos teus e eles se retraíram de pavor e desejo, dois estragos de perfeita harmonia. Não soubemos o que fazer em seguida. Aguardemos, então, por um sinal.

A alegria é um morfema zero.

Existe em símbolo.


Mas os lábios que tentam pronunciá-la se contorcem feito larvas.

Deus cria coisas inigualáveis para serem completamente esquecidas. Veja o nascer do sol, digo a mim mesmo. Veja as ondas de som que se propagam da boca, crescendo intocáveis, invisíveis. Veja a roupa pendurada na corda que balança ao vento. No exato momento em que notamos a natureza e os seres humanos, nós mesmos nos tornamos Deus. E assim Ele descansa. A natureza, porém, é contínua e sussurrante. A natureza é o que há de mais perfeito e sublime, pois não conhece cansaço. Ela vê que quando toco uma flor, esta se transforma em pura magia, mas não me acusa a Deus. Cansaço é um dom exclusivo Dele e dos humanos que habitam o universo. A natureza não tem pálpebras.

Hoje quando acordei a luz do sol me olhava o rosto. Percebi, então, que quando me deitei, havia me esquecido de fechar a janela. Ignorando a natureza, não concedi a Deus o seu sagrado descanso. E, por vingança, Ele se lembrou de mim. Raríssimas são as vezes em que Ele se lembra dos mortais. Uma vez me disseram que Deus carrega o peso do universo e que o universo tem o peso de uma nuvem. E que isso Lhe é apenas suportável. Embora desconheça o peso exato de uma nuvem, sei que o tempo deve ser leve como nuvem, porque cabe num buraco de fechadura. Tenho a impressão de que Deus desconhece o peso do tempo e talvez o tempo seja muito maior do que Ele. Mas vamos esquecer-Lo por enquanto. Voltemos à larva.

Neste instante a larva se fecha em casulo de borboleta e a flor já se tornou palavra. Tudo é contraditório e insustentável nas transformações que vejo. Tudo é horrendo e grandioso, e estamos acostumados assim porque perdemos o dom do espanto. Eu mesmo, quando enfeiticei uma flor, não esbocei alternância alguma em minha alegria. Minhas alternâncias de humor são mistérios divinos. Percebo que a mera invenção do poder de transfiguração falhou; não o poder em si, mas seu efeito em mim. Tudo é muito igual e as palavras perdem a sua força e estes tempos críticos turvam e acostumam nossa mente já cansada. Tenho fome de acontecimentos.

Mas agora veja aqueles jovens sentados na grama deste parque. Veja o quão comovente é o toque de suas mãos quentes e frias. Tem sabor de esquecimento. Agora meus passos têm barulho de galhos secos sendo esmagados e isso atormenta os cupins. Os galhos secos têm barulho de passos de formigas sobre galhos. Eu não os ouço. Eu que vivo em hábitos. Tudo no mundo urge barulhos (não esquecer que o silêncio é ensurdecido por um mundo de barulhos, assim como as cores do mundo somadas resultam no branco cruel e veloz da via



láctea), mas eu me esqueci de escutá-los. A raça humana é toda distinta e incompreensível, e estamos todos ligados por imenso fio de cômodo balanço. Vai e volta. Veja as duas grandes árvores que sustentam roupas pesadas de história, de existências coloridas, xadrezes, brancas e pretas. Não fosse a vida, a vida teria tons pastéis. Estamos mais próximos da vida do que da natureza, ao contrário dos animais, que são verdes por dentro e têm almas espiralizadas feito larvas. Isto é a vida e só podemos pedir que ela nos perdoe. Ouça o Deus que implora nosso perdão por sua insensibilidade celestial. Talvez Ele seja daltônico, mas não é nossa culpa. Eu vos perdoe qualquer coisa, se isso bastar. Ele lamenta, enquanto sigo em frente.

Aproximo-me dos jovens no gramado. Meu coração se enche de alegria, pois sinto que eles pensam o mesmo pensamento oblíquo um do outro. Sinto seus vazios sendo abertos em buracos profundos. Túneis imensos. Raízes invisíveis pesam esses jovens no chão. Eles pensam e não sabem. Eles são leves e Deus se orgulha deles. Mas enquanto me aproximo, minha eterna dúvida são seus olhos doces e gentis. Sou facilmente hipnotizado por olhos gentis e olhando-os, me configuro facilmente em suas existências e enxergo de dentro (é isto o acontecimento?). Subitamente sou um deles, mas quem? Sinto imensa paz no desespero de não saber que algo me acontece. No exato momento em que me pergunto: o que está acontecendo? o que é o futuro? qual o próximo sentido?, sinto o gosto vermelho daquele que me toca os lábios e que não sou eu e que talvez saiba que sempre fui eu. Ouço passos de formigas sobre flores secas. Sinto a alma estremecer e se contorcer feito larva. O sol toca levemente minha pele e o vento balança a minha história (é isto o mundo?). O mundo está isento de linguagem, minha visão embranquece. As ondas sonoras invisíveis da minha voz estão presas no buraco da fechadura do grande Deus. Meu sangue é verde como o dos animais. Aqueles olhos doces e turvos e gentis, tão gentis. Sou tão leve quanto o desejo que o tempo carrega nos ombros e que é todo o universo. Mas meus lábios não se retraem. Acontece um desejo. Esqueço que escrevo. Sou habitado.

Aeroporto

— *Raquel Garcia
D'Avila Menezes*

BIOGRAFIA DA AUTORA

Licenciada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Paraná. Professora de Alemão como Língua Estrangeira que, nas horas vagas, costura ou escreve contos.

RESUMO DO TEXTO

Para ver o mundo que nos cerca, é preciso primeiro ser capaz de olhá-lo.

Nasci lá em cima, naquela cidade quente de meu Deus. Depois, me mudei mais para o meio, para a cidade que não para. Em seguida fui para a cidade cheia de malemolência e cheiro de sal. Anos se passaram até eu decidir passar um pouco de frio lá embaixo. Eternamente insatisfeita, fui buscar um pouco de neve, mas acabei por voltar para onde a batata perde para a tapioca. Estou agora entre as nuvens, gastando tempo observando como os outros vêm e vão.

Aos que me perguntam qual a minha cidade favorita, digo que é qualquer lugar de passagem. Quando viajo, gosto de observar os que estão com pressa; aqueles que correm com a mala troncha e cheia de roupa que não vai ser usada; os que estão há tantas horas esperando, que quase tomam a forma da cadeira. Tem sempre o senhor de terno e gravata e maleta preta na mão. Na esquerda, carrega o celular, que ora vai aos dedos, ora vai às mãos. Tem também a mulher que está com as unhas vermelhas passando as folhas de um livro da Judith Butler, enquanto olha de canto de olho com certo desdém para o namorado, que calça um par de chinelos velhos.

Gosto muito das crianças, que, indiferentes ao tumulto dos adultos, conseguem inventar que canudo é herói que usa capa feita de guardanapo. Elas têm a incrível capacidade de fazer amigos como quem acha fios de cabelo pelo chão de casa.

O mesmo acontece com um idoso, que perguntado se “tudo bem?” responde que estava bem até lutar na guerra. “Antes, era tudo mato, minha filha. Agora, já não entendo mais essas pessoas de hoje em dia!”. A vendedora concorda e se afasta, certa de que não fará a venda, da qual precisa para aumentar a comissão no fim do mês.

O mais fascinante é ver como lida um viajante com um país que lhe é estranho. Ele não fala aquela língua das placas. Pede informação, mas ninguém o entende. Arrisca umas palavras em qualquer outro idioma que lembra da época da escola, mas nada. Mesmo assim, se faz entender. Ri, gesticula; agradece e segue para o seu portão de embarque. A risada é substituída por seriedade na expressão de imigrantes e refugiados, que parecem prever uma vida de gestos e mímicas.

Enquanto vivo no não lugar, vivencio todos os lugares. Pequenas doses semanais do alheio distante e diferente de mim. A ponte aérea me permite ver o mundo através dos outros. E cada passagem de minuto me mostra que mesmo sendo tão singulares, somos, no fundo, as mesmas pessoas. Pessoas que trabalham e estudam, que se divertem e choram, que buscam, mais que tudo, ser elas mesmas e uma história para contar.

Conto, aqui, a história delas, para poder, então, contar a minha. A história da viajante.



METADE

(ou Todo olhar por mais inteiro só enxerga um homem repartido)

Andre Luiz Godinho Aguiar

BIOGRAFIA DO AUTOR

Graduado em Comunicação Social – Jornalismo, pela Universidade Federal de Viçosa. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo Cultural, Jornalismo Multimídia e Jornalismo Literário.

RESUMO DO TEXTO

Ricardo Fernandes está morto. Este conto explora os múltiplos olhares em torno deste homem – marido, pai, amigo, filho, leigo. Cada personagem, por mais que se esforce e se acredite íntimo, tem um ponto de vista limitado sobre sua realidade.

1.

O jantar em família dos Gurgel sempre reservava algumas surpresas.

Dentro da mesma casa, o pai, a mãe e as três filhas poucas vezes se encontravam. As garotas estudavam durante a manhã e preenchiam todo o tempo da tarde com atividades extracurriculares: aula de balé, de jazz, de inglês, alemão, canto, violino. Os pais ficavam trancafiados cada um em seu escritório, tratando de planilhas, gráficos, números, finanças e cafés sem açúcar trazidos por seus secretários.

Todos seguiam incomunicáveis, um sem saber exatamente o que outro fizera durante as últimas horas, exceto pelo jantar semanal, nas noites de sexta. Era o único dia da semana em que as crianças podiam dormir mais tarde e conseguiam esperar até a hora dos pais chegarem ao apartamento—trabalhar com o fuso horário de outros países dificultava o relacionamento familiar. Enquanto se serviam com uma lasanha deixada pré-assada pela empregada, os cinco conversavam sobre o que viveram durante a semana.

2.

O jantar em família dos Gurgel sempre reservava algumas surpresas. Uma vez, os pais só souberam, na sexta-feira, sobre um braço quebrado da mais velha na segunda. Em outra, todos ficaram estupefatos à mesa quando a caçula demonstrou o que tem aprendido na aula de idiomas. Houve ainda a vez em que o pai se assustou com um cabelo pintado de rosa às escondidas e a sexta-feira em que as crianças prepararam um jantar completo: com salada, carne e sobremesa, sobressaltando os pais. E sempre, em todas as sextas, os adultos se surpreendem quando veem como cada uma delas se desenvolve e amadurece a cada semana. Criança cresce rápido demais.

3.

O jantar em família dos Gurgel sempre reservava algumas surpresas, mas ninguém esperava a surpresa dessa semana. A primeira a ouvir aquele barulho ao longe, uma sequência em repetição que não formava exatamente uma música, foi a do meio. Logo, o barulho ia se aproximando do prédio e, com um pouco de atenção, foi possível perceber quando ele virou a esquina. Nesse momento, luzes vermelhas, piscando, refletiram nos vidros do segundo andar, invadindo a sala de jantar da família.

Vozes com pressa, gritos no vizinho, um choro desesperado, e aquela sirene permanente nos ouvidos da família—mesmo depois da ambulância partir levando um corpo morto.

4.

É com profundo pesar que noticiamos a morte do senhor Ricardo Fernandes Ribeiro. Ele deixou sua esposa e um filho na noite de ontem, 29 de setembro, vítima de um enfarte agudo do miocárdio. O velório e enterro acontecerão nesta tarde, no cemitério Jardim Esplendor.

Nossos sentimentos e solidariedade à família.

5.

Quando chegou à sua mesa na Vigilância Sanitária Municipal, Alberto ainda não sabia da notícia. Ele se sentou, conferiu o fato comum de não haver nenhuma demanda para o dia no meio de diversos papéis bagunçados e só depois percebeu a ausência de Ricardo na baia ao lado. Não estranhou, pois atrasos eram comuns ali. Talvez o amigo estivesse novamente preso no trânsito ou acordou atrasado. Quinze minutos é tolerável. Trinta minutos também. Uma hora, nem tanto. Duas horas de atraso é algo realmente esquisito e dá vontade de tomar café.

Alberto se levantou e seguiu para a cozinha da repartição. Dora, do andar de cima, segurando um

copo plástico com café adoçado, logo lhe deu um abraço de condolência. “Ele está num lugar melhor que aquela mesa apertada”, tentou o levantar de um jeito torto. Alberto ficou interrogativo, não havia entendido o que estava acontecendo. “Você não abriu o e-mail hoje?”

Ele não havia aberto. Sábados na Vigilância eram dias mortos, apenas para bater o ponto e agendar alguns compromissos para a próxima semana. Todos os alvarás já haviam sido encaminhados durante os dias realmente úteis. Não havia nenhuma necessidade de conferir a caixa de entrada.

Quando ele soube o que acontecera a Ricardo, não conseguiu segurar a lágrima. Permitiu-se a licença de chorar na frente de todos na morte de seu melhor amigo na repartição.

6.

Alberto casou-se jovem e aos 25, já pai, passou no concurso de fiscal da Vigilância Sanitária. Entrou na repartição pela primeira vez junto de Ricardo, e os dois se ajudaram desde o início, fazendo as visitas externas como uma dupla e expedindo juntos os documentos solicitados.

Um enxergava no outro uma amizade sincera, com uma cumplicidade difícil de ser notada em ambientes de trabalho. Nunca tentaram se sabotar, jamais deixaram de resolver juntos os problemas que apareciam, mesmo que isso significasse uma hora extra ou arquivos empoeirados sendo levados para casa.

Depois do expediente, eles, às vezes, saíam juntos para um bar. O escritório prendia a cabeça dos dois de tal maneira que parecia que somente um pouco de cerveja, fritura e futebol na televisão poderia os libertar novamente. Ricardo nunca entendeu muito do esporte, mas se esforçava nesses momentos com o amigo, comemorando ou parecendo revoltado nos momentos certos. A companhia era sempre boa.

Em outras noites, Alberto pedia um suporte do amigo para sair com umas mulheres. Ricardo nunca teve muito interesse na origem das amantes de Alberto, se eram da repartição, de bares, amigas de outros amigos, prostitutas, mas às vezes precisava ouvir pacientemente alguma história sobre seios grandes que acontecia num quarto de motel. “Qualquer coisa, fala pra minha esposa que minha bateria estava acabando, mas que eu estou na repartição”.

Ricardo nunca precisou contar nenhuma mentira solicitada, pois a esposa de Alberto nunca o procurou. Jamais houve qualquer tipo de interação entre as duas famílias.

7.

O ambiente de trabalho na Vigilância Sanitária Municipal costumava ser sempre sisudo e o silêncio envolvia o espaço de uma maneira incômoda, uma carimbada em uma ficha de controle já configurando um estrondo. Mas a amizade dos dois quebrava aquele sossego.

Dois adultos que viravam crianças, um sempre pregando peças no outro durante o horário de trabalho. Ricardo empurrando a cadeira de rodinhas quando Alberto estava prestes a se sentar, Alberto adicionando formulários falsos na pasta de avisos de Ricardo. Trocavam piadas sem graça pelo e-mail corporativo, provocando risadas exageradas e deixando todos na sala curiosos com os motivos. Como seriam os dias sem o amigo?

Sentado na sua cadeira, olhando para o monitor desligado do computador, Alberto lembrava outras histórias que ouviu, que viveu. Ele iria sentir falta da presença de Ricardo na baia ao lado—e provavelmente ser indiferente ao novo fiscal da repartição que ocuparia aquele lugar.

8.

Padre Antônio sempre começava seu dia com a oração do terço, pedindo a intercessão da Virgem

Maria para os trabalhos que Deus havia reservado para ele. Nesta manhã, a reza tinha ainda outro motivo: pedir pela alma de Ricardo, fiel da Paróquia Santa Inês.

Todos os domingos, logo pela manhã, Ricardo e Alice sentavam-se na quinta fileira de bancos do templo, perto do corredor central. Prestavam atenção a cada gesto, repetiam em voz alta cada oração durante a missa. Enquanto isso, eram observados de volta pelo padre no presbitério. Os sermões do padre costumavam ser emotivos e sem grandes afetações, o que agradava à Alice. Às vezes, ela gostava tanto da homília que sentia a vontade de não sair daquele banco e esperar pela próxima cerimônia. Padre Antônio se sentia orgulhoso quando isso acontecia e, ao perceber, sempre jogava de longe um sorriso sincero aos dois.

9.

Por volta das 4 da tarde, padre Antônio separava e arrumava em sua bolsa aquilo que ele iria precisar na cerimônia de encomendação do corpo de Ricardo: bíblia, água benta, uma estola roxa e um pequeno livro de exéquias. Respirou fundo e tentou deixar sua alma mais calma. Proclamar estes rituais para pessoas tão próximas era sempre muito difícil.

10.

A relação do casal com o padre se estreitou assim que o único filho mudou-se de cidade. Alice passou a frequentar a igreja mais vezes por semana, aproveitando o remanso católico para meditar sobre a palavra de Deus. Uma ou duas vezes por mês, também procurava o padre para um aconselhamento ou se confessar, uma rotina de convívio e ajuda—por gratidão e amizade, começaram a marcar almoços especiais depois da missa das 10 da manhã.

Foi assim que ouviu a voz de Ricardo pela primeira vez, que parecia praticar sua fé de maneira muito mais individualizada e reclusa do que a esposa. As missas tornaram-se compromisso só pela insistência de Alice.

Aquele primeiro almoço foi agradável e o padre se sentiu muito bem acolhido pelo casal, conseguindo perceber os traços de Deus naquela casa. O ambiente trazia calma e a decoração terna, com diversos vasos de plantas e flores espalhados, mostrava o quanto os dois valorizavam a família: eram vários os porta-retratos com fotos em família ou do casal. Além disso, Alice sempre buscava encostar na mão de Ricardo ao contar histórias sobre como os dois se conheceram (passaram a morar na mesma rua), como foi o namoro (o pai de Alice bebia e conversava com Ricardo, enquanto ela preparava o almoço em outro cômodo) ou acontecimentos engraçados do dia do casamento (Ricardo não havia comprado nenhum sapato social e se casou de terno com sandálias).

O padre percebia nos olhares como os dois ainda eram apaixonados, mesmo depois de trinta anos juntos. Sentiu-se tão bem naquela pequena casa com jardim que se alegrou ao ser convidado para outros almoços como aquele—e sofreu um pouco ao lembrar-se de que eles jamais poderiam se repetir.

11.

A mão de Alice tremia enquanto deslizava pelas camisas de Ricardo no armário, procurando uma roupa representativa o bastante para entregar aos agentes da funerária. O cheiro de Ricardo ainda estava ali e seria difícil apagar a presença de algo que permaneceu vivo por tanto tempo.

Ela conseguia se lembrar da primeira vez em que o viu passando de bicicleta na frente de sua casa, parando quatro casas depois e entrando. A cintura bem delineada numa regata vermelha, as pernas fortes, porém finas, os braços machucados... Toda a composição da cena fez Alice querer estar com ele pedalando, para que sentisse o mesmo vento no rosto, abraçando-o por trás e assumindo o controle sempre que ele parecesse se desequilibrar e cair novamente.

Se ela não fosse insistente, o casamento nunca teria acontecido, ela sabia. Foi ela quem agiu como

uma detetive, seguindo os passos e pedaladas de Ricardo pelo bairro, encontrando-o “casualmente” sempre nas mesmas lanchonetes, esbarrando-se de propósito e fingindo que não foi. O primeiro convite para um cinema foi dela. Ele recusou num primeiro momento, parecia inseguro, mas acabou a procurando no dia seguinte – tremendo, mas parecendo decidido.

O primeiro beijo aconteceu já ali no cinema, o ambiente com a trilha de aventura para um Indiana Jones. E o namoro começava, com todas as cerimônias e recatos que convinham. O desejo dos dois suportava o contato vigiado e até aumentava com isso. A pressa passou a alimentar os dois, que se casaram em menos de um ano. O filho tardou um pouco mais, mas logo uma família bonita foi se formando ao redor da mesa de refeições, do sofá na sala e do quintal com pés de frutas. Heitor, guarda, seguro, aquele que combate o inimigo, um nome imponente que mal combinava com aquela criança frágil que foi. Só na adolescência que o garoto foi se fortificando, ficando mais rebelde dentro de casa e mais retraído fora dela, até que atingiu os dezoito anos e partiu para uma faculdade em outro estado. Em contrapartida, Ricardo parecia cada vez mais fraco e silencioso enquanto o tempo passava – uma culpa pesada nos olhos pelas situações problemáticas do filho.

12.

Alice precisou de muita força para que o casamento não se desfizesse. Era a voz conciliadora que acalmava os gritos de Heitor e consolava Ricardo. Os ataques do filho ao pai eram só uma fase, ela acreditava. O inferno não era real e o filho teria condições de ver isso quando saísse do ensino médio e fosse mais maduro.

Felizmente, as coisas melhoraram depois da partida de Heitor. A distância não modificou a relação de mãe e filho, mas Alice se gratificava por não presenciar nenhum olhar nervoso do filho ao pai. O que ela não sabia, mas eu presenciei, é que as palavras de ataque continuaram por um tempo.

13.

Ricardo tinha todo o tempo que precisava para ir da repartição à sua casa no intervalo de almoço, mas gostava de cultivar seus próprios pensamentos, sem as histórias de Alice ou a presença de Heitor. Sentar-se sozinho num restaurante lhe fazia bem. Ele escolhia três ou quatro guarnições para acompanhar um arroz branco no *self service*, uma bebida gelada e uma mesa de onde pudesse ter uma visão de todas as pessoas. Depois, em silêncio, observava as pessoas entrando sozinhas ou acompanhadas, de uniformes ou roupas comuns, escolhendo saladas ou carboidratos, sendo gentis com os garçons ou tratando-os com indiferença. Ele criava histórias e situações na sua cabeça, imaginava como elas chegaram até ali, mentalizava vidas que poderiam ser mas não eram.

Uma das vidas que ele imaginou era minha.

O estúdio de fotografia onde eu trabalhava havia instalado uma nova sede num prédio comercial perto daquele restaurante. Eu acabei ganhando o costume de comer ali, sempre ocupando a mesma mesa, perto do lugar correntemente escolhido por Ricardo. Depois de algumas trocas de olhares e de tanto observar a placidez que ele guardava no rosto, resolvi puxar assunto.

Parecia desconfiado a princípio, mas aos poucos fui o amolecendo, ele passou a se abrir mais e um dia recebi o convite para me sentar na mesma mesa que ele. Os almoços com Ricardo passaram a ser muito aguardados por mim e, julgando pelas conversas que rendiam e faziam o tempo voar, ele também me esperava.

Ele me contava das pessoas com quem ele convivia: as brincadeiras feitas com Alberto, a personalidade passivo-agressiva de Dora, os almoços de fim de semana com o padre, a família que formara com Alice e Heitor... Pessoas que eu pude conhecer e ouvir hoje, de longe, em seu velório. Aos poucos, Ricardo começou a se abrir e falar dele mesmo também. De como ele passou sua infância se sentindo inadequado entre os oito irmãos e sobre como as coisas pioraram quando ele foi ficando mais velho,

ainda dentro de casa, a mãe já falecida. Os machucados no braço, que dizia para Alice serem culpa da sua desatenção ao andar de bicicleta, foram todos ataques do pai. O casamento forçado, acelerado. O filho que desejou apenas para não frustrar Alice. A profissão que não o completava.

14.

Ricardo não apenas falava. A cada refeição nós dois nos desnudávamos, um na frente do outro, contando sobre nossas vidas e sobre nossas frustrações de homens de meia-idade. Ele passou a ser uma pessoa importante demais para mim, queria-o mais perto. Mais perto. O almoço passou a se estender para uma sobremesa na confeitaria da frente. Outras vezes, no meio da tarde, um chamava o outro para um lanche num café. A relação foi se estreitando e, da maneira menos premeditada e mais natural possível, o amor foi chegando e se instalando em nós dois.

Não houve por que negar, nem hesitar, pois os dois já haviam percebido como esse sentimento tomava conta de cada momento em que estávamos juntos. Mas, infelizmente, precisávamos nos esconder. Eu queria gritar e espalhar que eu estava apaixonado, mas ele era um homem casado, de família, não podíamos fazer isso.

Os *happy hours* com Alberto passaram a ser substituídos por noites comigo. As coisas aconteceram com pressa e logo escolhemos juntos um apartamento, sem trânsito. Eu me mudei sozinho, mas aos poucos, fomos tornando aquele o Nosso lugar, o ambiente familiar que ele sempre desejou de verdade... que todos percebiam na sua infância, mas todos escolheram reprimir. Eu o percebia mais leve e mais feliz a cada encontro, cozinhando nossa própria comida, assistindo filmes clássicos, fazendo recitais particulares de poesia, nos abraçando sob os lençóis. Os momentos extraordinários que passamos juntos tornavam difícil olhar para a tristeza que o tomava nas despedidas—e para a tristeza que o tomou depois que Heitor, procurando por algum arquivo no celular do pai, encontrou uma das mensagens que trocamos.

Heitor pensou em contar tudo para a mãe, mas preferiu guardar esse segredo para ele. Ter o pai nas mãos era melhor do que ter a fama de ser filho de um homossexual. Ele julgava sofrer sozinho por saber do relacionamento do pai, mas jamais fora empático o bastante para notar que tanto eu quanto Ricardo sofríamos também por precisar manter essa união em segredo.

Ninguém perguntou por nós.

15.

Em torno do caixão de Ricardo, as pessoas compartilhavam suas histórias com ele. Contavam de como se conheceram, dos motivos de terem continuado a relação, da maneira que descobriram a notícia da morte. Eu ouvia tudo de longe, tentando imaginar os gestos de Ricardo em cada cena e ligando as informações com as que eu já tinha ouvido por ele. Ver de perto aqueles rostos que eu tanto imaginei era estranho e extasiante ao mesmo tempo—uma sensação que confusamente me trazia vida. Ao ouvir cada história, Ricardo parecia mais vivo.

Eu não pude contar nenhuma das minhas histórias. Ninguém sabia de nossos almoços, dos nossos cafés, dos nossos banhos, das poesias que ele declamava ao ouvido, dos nossos beijos, dos motivos de seus atrasos no trabalho, de quem chamou a ambulância quando viu ele se contorcer e reclamar de dores e, principalmente, do motivo de ele ter sido encontrado num lugar onde não morava.

Todos vão criar suas versões da história quando souberem que o apartamento estava registrado em seu nome, que seus livros favoritos estavam naquela estante, que ele era visto todos os dias após o almoço pelas crianças uniformizadas dos Gurgel no elevador.

Mas esta versão escrevemos juntos a cada encontro - ela é apenas nossa.

Perto do asfalto, longe da civilização

— *Oneide Andrade da Costa*

BIOGRAFIA DA AUTORA —

Bacharela em Secretariado Executivo pela Universidade Federal da Bahia e em Direito pela Universidade Católica do Salvador, Mestre do Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade/Centro de Formação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Sul da Bahia.

RESUMO DO TEXTO —

O presente trabalho pretende apresentar um poema criado a partir da inspiração advinda da vivência experimentada na pesquisa “À beira da vida: vulnerabilidade social dos beiradeiros do extremo sul da Bahia, Brasil”, que vislumbra retirar da invisibilidade pessoas que fizeram da beira da estrada uma opção de moradia e sustento para si e suas famílias, ocupando as faixas de domínio público às margens das rodovias federais e estaduais no Brasil, edificando moradias com materiais diversos e plantações, e aqui chamamos beiradeiros. O recorte geográfico foi de 26 km de extensão, partindo de Teixeira de Freitas, município do Estado da Bahia, seguindo pela rodovia BR-101 na direção norte,

sendo o marco inicial a placa que sinaliza o início/fim do “perímetro urbano”. Os dados descrevem esta população, e serviram de inspiração para construção do poema: a observação dos participantes, gestos, olhares, a conquista paulatina da confiança, a esperança de uma parcela da população que sequer está relacionada, inclusive, no rol de categorias do próximo Censo em 2020, e experimentam todos os dias os dissabores da invisibilidade política e social, em busca de sustento e paz, entregues à própria sorte à margem da sociedade, na beira do caminho.

Fotógrafa: Ananda da Luz Ferreira
[@beiradeiros_ufsb](#)

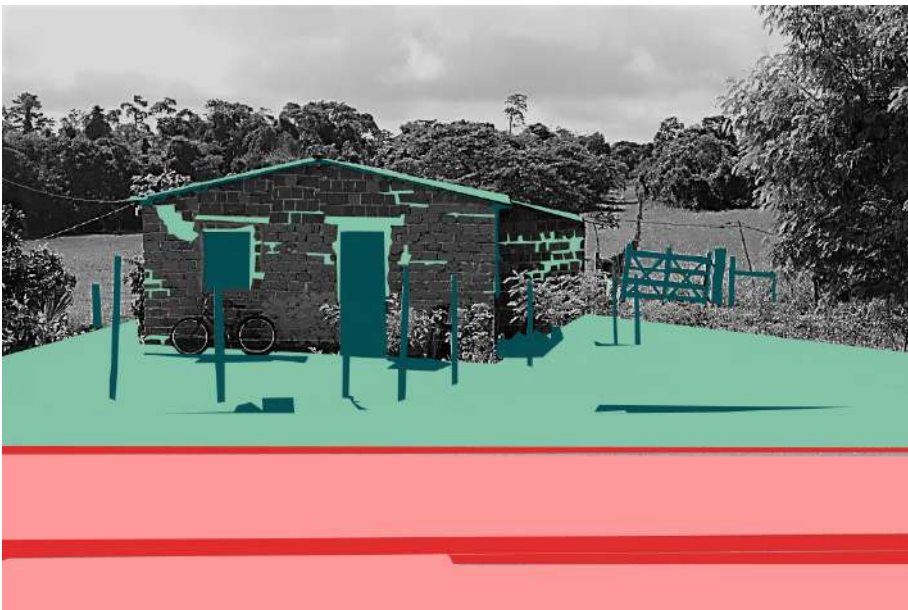
É cedo ainda, o vermelho aquebrantado do sol já anuncia que raia o dia
a gota d'água não corre na bica
ela se esconde num poço inalcançável de desejos que jazia
Lá vai lindeiro, baldear a lama, buscando a gota e na esperança a alcança

O canto da garrincha abafado pela buzina
o som da Scania ensurdece e avisa: o tapete preto dita e limita a vida
Além dele é a cerca excludente, e o fazendeiro advertiza
“longe daqui, tu pisa e leva esse cortiço dessa beira de pista!”

Entre o arame e o betume, o Beiradeiro planta, labuta com a terra
Não dá para ir longe, “é arriscoso!”
Arar a terra longitudinal, sem a profundidade que a plantação requeria, ninguém podia
E lá vem a noite, o sereno, já vai o dia.

E a criançada, pé no chão, olhos atentos abrilhantados por uma singela inocência
brinca brejeira com os cacos e jantes deixados na rodagem
rodeada está das poucas galinhas, penosas e magricelas
E os cães mais que vigiam, protegem, anunciam qualquer procela

No relento é cada farol que alumia, energia não tinha
“não tinha teto, não tinha nada!”
É a arquitetura do madeirite e do papelão, ou a lona que escapa do caminhão
a cobrir os sonhos nessa beira, quanta provação!
“Ninguém podia fazer pipi, por que banheiro...” o mato é logo ali
Canta o pneu, o farol pisca, reluz, alumia
Viajantes passam, todo mundo olha, mas ninguém vê o Beiradeiro e sua cria
E seus sonhos de melhores dias espremidos entre a cerca e a rodovia.



Onomatopeia

Catarina da Silva Romeiro

BIOGRAFIA DA AUTORA

Estudante de graduação em Letras: português-italiano, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Integra o Laboratório de Estudos Filológicos (LabEFil) e o Laboratório de História da Língua (HistLing), realizando pesquisa na área de filologia.

RESUMO DO TEXTO

O texto foi escrito em 2015 e faz uma crítica ao cenário político, social e econômico da cidade do Rio de Janeiro e às ações truculentas da Polícia Militar em nome do Estado.

Pow! Pow! Pow!
Três tiros dados pela arma do policial.
Três balas cravadas no coração da criança
Órfã, não de mãe, não de pai,
Órfã do Estado.
A população aplaudiu, vibrou
O trombadinha estava morto,
Devido a um pedaço roubado de pão.
Pow! Pow! Pow!
Os bandidos desceram metendo bala.
Estouraram os miolos de um policial,
Alojaram duas balas no peito do outro.
Era a vingança pela a morte do menino,
De joelho ralado, com uma bola no pé e um sonho no coração.
Pow! Pow! Pow!
População revoltada.
Pena de morte, era só o que ela exclamava.
Metete o cacete, gritavam os burgueses.
E o menino morto pelas três balas no coração
Já estava esquecido.
Pow! Pow! Pow!
O morro a polícia subiu.
Dentro do camburão, na favela, ela entrou.
Porrada em mãe, porrada em filho.
Estupro coletivo, a menina recebeu.
Policial levanta a arma para o pobre pedreiro que não tinha o que delatar.
Pow! Pow! Pow!
Se esconda, parceiro!
Mas parceiro é guerreiro e não ia deixar a polícia te assustar.
Os guerreiros se armaram,
Contrabando aprovado pelo governador,
E nos policiais, eles meteram bala.
Pow! Pow! Pow!
Na poltrona o governador se sentou.
Comendo a sua pipoquinha assistiu a tudo.
Menino morto, já estava esquecido.
Os policiais eram consequências.
E com os bandidos, ele compactuou.
Pow! Pow! Pow!
Grana na conta do governador,
O banco na Suíça nada perguntou,
Então vambora, fechou!
Pow! Pow! Pow!
Entra crack, entra maconha.
O livre uso, governador quer proibir.
Mas lá no morro é tudo na base do “deixa disso, meu camarada!”.

A verdinha espalhou e sucesso
Ela ganhou.
Comprar já não era mais a vibe,
Agora a modinha é plantar em casa.
Pow! Pow! Pow!
Espanca maconheiro,
Mas maconheiro é trabalhador.
Pow! Pow! Pow!
Preciso de alguém para espancar,
Disse o governador.
Tirou comida das escolas e diminuiu o salário do professor.
Pow! Pow! Pow!
Menino está com fome,
Menino tem que sobreviver.
Pega a faca do cozinheiro,
Bicicleta roubar para vender.
Pow! Pow! Pow!
Pega ladrãozinho! Gritou a população.
Bota o de menor na prisão, completou o conservador.
Bandido tem que morrer!
Mas comida que é bom, eles não têm para sobreviver.
Pow! Pow! Pow!
Vamos abraçar a Lagoa, pela paz.
“Mas paz é contra a lei e a lei é contra paz”,
já dizia Gabriel, o Pensador.
E o menino que está com fome,
Comida no prato vocês não querem dar para ele comer.
Pow! Pow! Pow!
Se vira, mané! Ser liberal é o que há!
Eu lutei pelo o que é meu e ele que vá se virar!
O moleque vai se virar, sua casa irá invadir,
O Rolex vai te roubar e teus neurônios ele irá explodir.
Pow! Pow! Pow!

A visão cansada do homem

Vitor Fernandes

BIOGRAFIA DO AUTOR —

Vitor é professor de língua portuguesa na rede privada da cidade Rio de Janeiro, onde também se formou em Letras. Nasceu, foi criado e se criou no Oeste da cidade, que se confunde entre ser periferia ou sertão. Escreve desde pequeno, porque só precisava de um documento do Word, e teve alguns textos de adolescente, ou gótico, publicados pelo entusiasmo da escola quando tinha 16 anos.

RESUMO DO TEXTO —

A história a seguir é a história de qualquer um que se desconectou de alguma coisa. Alguém está numa situação comum da vida, mas se questiona se a vida existe. Um aquário dado por Cláudia é o suficiente para provocar a saída para a rua, para refletir sobre memória e questionar a realidade. É difícil se reconectar quando nada prova que a vida existe... Alguém duvida de si mesmo e do seu passado. Alguém sai nas ruas e

conversa consigo para saber onde está no mundo ou o que é isso tudo. Mas tudo cansa, inclusive pensar demais sobre essas coisas.



Por mais que eu pense, não acho a porra de uma causa pra caralho nenhum. Tudo é nada. Por que eu falo disso, Cláudia? Porra, Cláudia! Cara... quebrou meu clima pra falar disso. Tu não tá ligando, né? Tu tá fazendo o quê? Mandando mensagem pro Carlinhos, só pode. Eu devia ter ligado pro teu celular pra você ficar fingindo que presta atenção em mim com mais esforço. Desse jeito, tá óbvio. Tu sabe que eu percebo as coisas rápido, caralho... Não quero mais falar cacete nenhum também não, Cláudia! Tchau. Depois a gente se fala. Um dia, esse Carlinhos vai te meter um chifirão. Isso mesmo. Depois a gente se fala. Mais tarde, não. Mas, no final de semana, vou sim. Tchau.

46

Ah, porra! Agora eu não tenho ninguém pra falar dessas coisa na minha cabeça. Esse apartamento gelado com esse janelão aberto também... Mas melhor que ficar tudo fechado, trancado, silêncio demais, hoje não vai rolar. Incrível minha capacidade de falar comigo mesmo na cabeça... por tempo pra cacete. Porra, aqui fora tá frio mesmo. Minha cara tá ficando dormente já, aí não dá. Não tô sentindo mais nada. Nada. Também não dá pra deixar a janela fechada porque esse apartamento fechado vai ser demais pra mim. Vou ter que voltar pra dentro, no sofá. Dalí dá pra pegar um vento, ver a paisagem de prédios e não ficar aqui... dormente.

Não vou ligar a TV. Não quero ver nada. Preciso é sair um pouco, talvez fugir dessas paredes todas. Meio beges, meio brancas. Mas deu previsão de chuva no lembrete do celular, e chuva aqui, ultimamente, é sinal de tragédia. Não rola. Vou ter que ficar por aqui comigo mesmo. Com essa cabeça fodida. Esse aquário falso aqui do lado é uma desgraça. A Cláudia foi uma praga me dando isso. Maldita! Eu amo essa mulher, é minha irmã, mas que maldita! Eu falei que achava ele estranho. Os peixes não são de verdade. São uma coisa estranha. Não é um vídeo também. São uns bichinhos que se comportam como peixe, sabem onde tá a comida quando você bota. Sabem avisar a hora do alimento. Mas não são vivos. São uns... uns tamagotchis meio The Walking Dead, meio Black Mirror, sabe, cara? Cara... só tem eu e eu aqui... eu falando comigo mesmo usando "cara"... Aí tem mais de um deles ali no aquário. Tem cinco. Bonitos até. Eles chegam perto um do outro, parecem até dançar. Aí... em cima tem a bateria de cada um, quase nem dá pra ver, a gente joga uma comidinha

especial... esse negocinho acende. A água não é água também. Não sei o que é. Vou encostar meu dedo no vidro... um toque no vidro só... os bichos somem. Mano, isso não é normal! Esses dias, eu li que a gente nunca vai saber se tiver dentro uma simulação virtual. Porra! Se isso for verdade, quem foi o sádico que criou essa porra? Deixar a gente numa simulação de sofrimento e de umas alegrias. De sofrimento e prazer. De um monte de mentira e brisa. O bicho me olha como se entendesse.

–Tu não me entende, tu nem existe.

E tu tá falando com ele e ele te olha. Chegam outros. Ficam meio em fila me encarando ao longo do vidro. Mano, que merda é essa? Já saí do sofá na pressa, quase caindo e fui pra longe do aquário. Mas tava vidrado naquela cena. Fui pra um lado, eles me acompanharam. Fui pro outro e esses demônio foram também. Mano, essa merda tá viva? Pensei em desligar a tomada, mas fiquei com pena. O bicho parecia vivo. Peguei um controle. Ia apertar o botão do stand-by de longe. Eu que não ia ficar perto daquele caralho. Me estiquei de onde tava, coloquei o pé na ponta dos dedos e estiquei o braço todo com o controle na ponta. Um Michelangelo, quase. Consegui. Os bichinhos abaixaram as cabecinhas, ficaram em linha reta e foram abaixando.

Fiquei pensando naquilo. Eu sabia que aquele aquário era horrível, mas de ser uma merda de mexer com a minha cabeça, era um novo nível. Será que eles sabiam que eram de mentira? Porque eu não sei, eu acho que sou de verdade, mas não sei. Um dia, tinha olhado pro horizonte e visto o céu meio serrilhado, sabe? Tipo... tipo jogo que não roda direito, uma placa de vídeo ruim. Estranho pra cacete. A Cláudia não vai me atender agora... eu falei que tinha coisa pra falar com ela, mas ela só quer saber de Carlinhos agora, aquele puto. Também ela ia pensar que eu tô louco e ia ter que tomar remédio... Eu também ia achar isso. Foda-se! Vou dar uma volta, já deu dessas doideira aqui em casa. Eu não ia tá pensando nisso se essa vida fosse menos zoada. Botei meu new balance, porque eu vou sair na estileira hoje. Botei uns fones. Mac DeMarco. Carai, mó loco esse cara! Não sei muito dele não, mas eu acho meio psicodélico. Desci pelas escadas meio correndo, tava agitado. As luzes acendiam conforme eu passava. Apagavam conforme eu sumia. Tudo controlável. Passei o saguão, falei com o porteiro. Óbvio. Hoje tá perigoso aí fora, é melhor o senhor ficar atento. O que tinha acontecido? Sei não, mas tava umas correrias, tá um clima estranho também, céu tá ameaçando cair.

Ô, merda...

Bati os dedos, com pressa, sobre o mármore da bancada do porteiro. Vou ficar esperto... Tô sentindo umas paradas também. Na rua, os semáforos estavam todos amarelos. Isso acontece quando eles desligam ou religam. Sei que isso acontece quando dá merda. Os carros passam meio tensos nos cruzamentos porque tá tudo amarelo. Sinal de atenção, mas dá pânico na galera. Tem gente atravessando correndo, tem gente que nem atravessa. Eu não preciso atravessar. Chegou um carro da guarda municipal, parece que vão ajudar. Um carro passa correndo do meu lado na rua. O carro passa direto e caga pra guarda municipal. Nenhum carro cruzou com ele. Esqueci pra onde eu tava indo. Fui andando evitando os grandes cruzamentos porque todos estavam sem sinal. Vi uma banca de jornal fechada. Tinham pichado a banca: “a visão do homem agora cansa...” com reticências mesmo, nada de exclamação.

Parei. Movi meus olhos ao redor, procurando alguma evidência. Nada. Desde que acordei, tudo tava meio merda nessa porra. Nenhuma evidência da vida existir. Uma sensação de despertencimento, de não fazer parte disso aqui. Tem um jogo... de videogame... muito bom... o cara sofre um acidente de avião, cai no mar e sobrevive de alguma forma. Dali pra frente, ele tem umas aventuras... A questão é que nada daquilo aconteceu e o cara teve lembranças criadas na cabeça. Loucura da porra. Mas quem garante? Os peixinhos no aquário... eles garantem sua verdade vivendo ali, num arremedo de água, num oceano que eu rio, e são só peças. Eu desligo. Ligo. Não é real. Cláudia não ligou pra isso. Me fodeu. Falei pra ela que tava cismado com algumas coisas, e tava mesmo. Essa sensação... eu não saio falando por aí, vou no banho-maria... até que jogo. A Cláudia tava beijando na boca, fodendo e sendo fodida, nem me ouviu mais. Só me deu aquele caralho de aquário. Eu não vou aguentar aqueles

bichos, vou jogar fora. Vão tudo pro lixo. Uma vez, ela disse que era falta de mulher ou de homem na minha vida. Porra! Se era falta de mulher, eu ia ter que ficar 24h fodendo e, mesmo assim... uma hora eu ia foder pensando se era mentira o que eu vivia. Não era isso, é minha cabeça. às vezes, as memórias se confundem. Ontem, eu e Cláudia, a gente brigava por um pedaço de bolo de fubá em casa. Ela cheia de meleca na cara. Do nada, tô aqui. Pisquei, tô aqui. Pior: do nada, eu fiquei consciente dos meus dias, um atrás do outro, mas teve uma época que eu só lembro por umas coisas na cabeça... uns episódios... será se aconteceu? Um dia, nosso pai contava sobre um parente em Belém, um velho espanhol que só andava de terno branco pra cima e pra baixo. Contava do velho com orgulho... o quintal dele sempre aberto pra comemorar o círio e comer e comer e juntar a família. Papai se lembrava e chorava um pouquinho. Abraçava a gente. O velho parecia uma figura folclórica no meio da floresta, sempre imaginei ele ruivo. Um curupira espanhol vestindo terno branco. Ele era meu mito de pertencer a algum lugar muito distante... muito antigo. Nem eu nem Cláudia conhecemos o velho espanhol. Nem Belém do Pará. Papai parou de falar dele com os anos. Hoje, com certeza, o velho espanhol tá morto e ninguém sabe de mais nada. E o diabo vai carregar suas lembranças pra comer na terra. E apagou. Nem velho espanhol nem Belém. Parece que é tão longe, parece que sempre fui daqui e tudo é daqui, mas ao mesmo tempo não tenho nada desse mundo que vivo... Eu não lembro direito de quando era criança e papai contava essas coisas... E, mesmo quando falo de mim nessa época, parece que falo de uma terceira pessoa, não parece eu. É uma porra! Talvez eu já nasci grande, por isso não sei de nada. Talvez Belém seja só um nome aleatório pra um lugar de origem, como um made in China em todo produto nosso que não tem cara de estrangeiro, só de pirata. Mas enfim... A memória tá morta. A realidade foi enterrada junto. E isso é uma porra porque não sei mais o que é real ou não. Como vou dizer o que é real? O velho espanhol é surreal. O aquário com vida é irreal. O real mesmo tá morto.

Depois disso tudo, fiquei cansado. Sentei num banco de praça sem praça alguma por perto, só um ponto de ônibus. Tava respirando meio acelerado. Por isso me incomoda meu corpo e minha mente. Penso muito. Minha mente se mexe demais. Voa, caralho! Voa pra longe. Foge do corpo. Voa pro céu. Depois do céu, tem o espaço. Os planetas e as estrelas. Os sistemas. A galáxia. Coletivos. E a beirada do universo em expansão. E fora dele? Puta merda, tava melhor conversando na portaria do prédio. Bem que o cara avisou pra não sair. Não importa o quanto eu tente fugir, vou sempre tá numa caixa. Igual o aquário que a Cláudia me deu. Meio sem importância igual o velho espanhol pra mim. Não me impressionaria um dia alguém desligar o céu e, pronto, game over. É... cansa pensar nessas coisas, é meio impotente. A Cláudia precisa atender essa porra de telefone. Minha respiração tá acelerada ainda. Cláudia? Até que enfim, cara! Onde? Sério? Eu tô na rua. Mas tem nada aqui perto, tem nada... Morreu gente? Caralho, Cláudia... Vai passar no jornal, com certeza. Porra, tá difícil viver aqui. Todo dia... Caralho, que merda, Cláudia. E era da família do Carlinhos? Puta que pariu... Tu vai lá no hospital? Entendi. Se precisar que eu vá, me fala. Eu vou também, ajudar vocês. Ok. Não era nada não, só queria saber do aquário, mas deixa. Já me virei. Tchau.

Desliguei. Nem liguei pra respiração.

Fui voltando umas quadras até chegar no apartamento. Falei com o porteiro de novo. Tá estranho lá fora mesmo, melhor o senhor ver como vai fazer pra voltar pra casa. Subi. Aquela sensação tinha voltado. Encarei o aquário. Liguei de novo. Os bichinhos voltaram a perambular felizes. Nem tinham sabido o que tinha acontecido. Nem saberiam. O Carlinhos devia tá uma merda... os peixes ficaram girando... subiam... sinal que



queriam sua comida, uma energia de bateria. Maldito bicho falso! Liguei a TV pra saber o que tava acontecendo por aí... Os peixes se carregavam, eu via as notícias do acidente e pensava nos próximos dias e na Cláudia e no Carlinhos. Fechei os olhos e a preocupação me desligou da visão cansada do homem.

Oran-ismos invisíveis —

João Camilo Sevilla

BIOGRAFIA DO AUTOR

Licenciado em Letras Português-Francês, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Educação, pela Universidade Federal Fluminense. Professor de ensino básico nas redes privada e pública.

RESUMO DO TEXTO

No mundo de hoje, a forma como se encaram as diferentes inovações, notícias, cenários, sentimentos e afetos é um exercício de descoberta que nos leva a uma ou a várias reflexões incessantes e infindáveis. Essa incompletude é a força motriz da confecção da crônica a seguir, pois é no desenrolar dos acontecimentos que se criam e se ressignificam os étimos que dão origem a contos, resenhas, artigos, crônicas etc. É na esteira desse raciocínio que se pretende vagar e divagar sobre a leitura que se tem sobre o mundo em que vivemos hodiernamente.

Como a gente vê o mundo? Com os olhos empedernidos, surrupiados pelo ódio de quem deixou de ver, de prever, de rever, de rêver, como diriam os franceses. Olhos que miram o messias que atira, tirando aposentadorias, perspectivas e vidas.

Como a gente vê o mundo? Com as bombas potentes, pulsantes e estrondosas que impactam o nosso dia a dia... Suaves, Leves e Silenciosas diante da pugna dos que têm o sangue da luta pelos desvalidos, que têm o valor que não se valoriza.

Como a gente vê o mundo? Com o fígado abastecido, abarrotado e abalado devido às fake news, que de news nada têm. É a fake que é faca que corta, dilacera e irrompe nas frágeis democracias latino-americanas.

Como a gente vê o mundo? Com a cabeça, mas não com o que ela contém: o cérebro. Com a cabeça que golpeia, cabeceando para longe a esperança que não parece nos esperar. Atingida. Como a fé das crianças alvejadas na Síria, Líbia e tantas outras partes, que viram notícia e entram para a famigerada estatística.

Como a gente vê o mundo? Com a boca desbocada que abocanha nossas potencialidades. A pujaça de nossas habilidades se esvai, se esvazia perante o descaso de bocas que policiam até nossas vontades básicas, dizendo quando, onde e com que frequência eu cago!

Como a gente vê o mundo? Com os ouvidos que se calam frente às atrocidades, barbaridades que se tornam poemas, músicas e obras de arte putrefatas. É a homofobia que se institucionaliza, é o racismo que nos coloca no abismo, é o machismo que nos violenta rumo ao obscurantismo.

Como a gente vê o mundo? Com os dedos que disparam, os gatilhos ceifadores de vidas, como a da jovem e cândida Ágatha Félix, que, como a origem grega de seu nome, agathos, era virtuosa e respeitável. Afinal, mais um anjo notável e descartável. Dedos que dedilham os acordes da raiva, da cólera e da falta de empatia em relação ao diferente, ao outro. São dedos que não sentem, tampouco tocam as notas do amor, do carinho e da ternura.

Como a gente vê o mundo? Com os braços esticados que preferem a opressão à compaixão. Os braços que estrangulam mulheres, filhos e filhas pequenos, imigrantes, indígenas, homossexuais, negros e negras. Braços trabalhados, braços cruzados, braços cansados, braços se movimentando ao acaso à procura do abraço, que cura, revitaliza e que, infelizmente, não acham.

Como a gente vê o mundo? Com os punhos de quem agride Mariana, a moça, a natureza e o meio ambiente. Vítimas do feminicídio que abusa das nossas riquezas humanas e ecológicas. Punhos de quem luta contra o inimigo da fauna, da flora e dos deuses. Deuses como a forte, cultuada e impávida Vênus.

Como a gente vê o mundo? Com os pés descalços, inchados, esfarelados por andar no sentido errado. Qual é a direção a tomar? Pensando a canção: se a vida é andar por esse país, será que um dia descansaremos felizes? Traçando um amanhã que nos leve à vitória no final da maratona, só vejo as cortinas se fechando, gente perseguida agonizando, a galera se lamentando, o povo brigando e o Facebook vociferando. Será que nessa corrida a gente sai ganhando?

Como a gente vê o mundo? Com as mãos que sufocam nossa res – pi – r(ação)! Ração! Aquela que é servida em escolas públicas; as que só servem para os bem servidos no jornal ou em época eleitoral. Ação emblemada através de mãos e corpos nordestinos apanhando. Apanhando (d)o que restou do céu, do mar, da natureza, da catástrofe, da tragédia e do massacre provocado pelas manchas de óleo na pele provenientes do petróleo – que é aquele que vale. Vale? Leva. Não, não leva a dignidade do nordestino, que, assim como o sertanejo, é, antes de tudo, um forte. Mesmo apanhando.

Como a gente vê o mundo? Com as vozes silenciadas. Silenciadas ante a censura, a tortura, a repressão. Espancadas e ensanguentadas são as vozes daqueles que protestam a favor da liberdade, da

solidariedade, da justiça, da igualdade e da equidade. Marielle Franco, Moa do Katendê, Santiago Maldonado, Victor Jara, Camilo Catrillanca e tantas outras lideranças que a saudade não estanca.

Como a gente vê o mundo? Se a gente vê o mundo? Mundo mudo, imundo, carrancudo, sisudo e, sobretudo, miúdo. Se a gente vê o mundo? Se a gente tivesse visto o mundo? Se a gente visse o mundo? Vi. Se... Não me convenci. Apesar. Com pesar. A pesar. Pesado, mas não me dei por vencido. Venci.

repara –

Emanuel Félix

BIOGRAFIA DO AUTOR

Emanuel Félix é carioca e vive na cidade de Belford Roxo. Cresceu assistindo novelas, seu passatempo de infância predileto, que lhe despertou o desejo de contar histórias. Ao longo do ensino médio, publicou prosas e poemas em diferentes edições do livro “**Raízes Literárias**”, projeto literário desenvolvido pela equipe de língua portuguesa do Colégio Técnico da UFRRJ. Em 2018,

junto de outros autores, participou de **Indestrutível**, antologia de contos LGBTQIA+ publicada pela Editora Sinna. Atualmente, estuda Letras: Português-Literaturas na UFRJ, publica seus textos em plataformas digitais, como o *Instagram*, o *Wattpad*, a *Trema* e o *Sweek*, e adora séries de TV, poesia contemporânea e pipoca.

Instagram: @whoema

RESUMO DO TEXTO

A percepção de duas estrelas a respeito da percepção de mundo humana.

não é triste

perguntou uma estrela à outra
observando o planeta terra

uns se acreditando superiores a outros

outros se acreditando inferiores a uns

todos se acreditando o que não são

se ao menos soubessem que os vemos como eles nos veem

do mesmo tamanho e com o mesmo brilho

o que esperar

interrompeu a outra estrela

de uma espécie cujos seres

veem

mas não enxergam



in transitiva

Como só você percebe o mundo? (v. 4, n. 1)

ABRIL, 2020

